



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE –
UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –
POSEDUC MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO**

GABRIELLA CASTRO PEREIRA

**O SENTIDO DAS INFÂNCIAS DE CRIANÇAS DA ÚLTIMA ETAPA
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MOSSORÓ/RN

2024

GABRIELLA CASTRO PEREIRA

**O SENTIDO DAS INFÂNCIAS DE CRIANÇAS DA ÚLTIMA ETAPA
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Profa. Dr^a Giovana Carla Cardoso Amorim.

MOSSORÓ-RN

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

P436s Pereira, Gabriella Castro
 O SENTIDO DAS INFÂNCIAS DE CRIANÇAS DA
 ÚLTIMA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL. / Gabriella
 Castro Pereira. - Mossoró, 2024.
 121p.

Orientador(a): Profa. Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Infâncias. 2. Narrativas infantis. 3. Escuta das crianças. I. Amorim, Giovana Carla Cardoso. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

GABRIELLA CASTRO PEREIRA

**O SENTIDO DAS INFÂNCIAS DE CRIANÇAS DA ÚLTIMA ETAPA
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa Práticas educativas, cultura, diversidade e inclusão, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giovana Carla Cardoso Amorim.

Data da aprovação ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Giovana Carla Cardoso Amorim
Orientadora/Presidente – POSEDUC/UERN

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar
Examinador Titular Interna – POSEDUC/UERN

Prof. Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Examinador Titular Externo – UFERSA

A vocês, crianças, verdadeiras fontes de inspiração e protagonistas das mais belas narrativas. Os seus sorrisos, curiosidades e emoções autênticas, iluminaram/iluminam o caminho da compreensão dos sentidos das infâncias.

AGRADECIMENTOS

Com ternura e coração transbordando, quero dedicar palavras de agradecimento a Ti, Deus. Fonte eterna de amor e sabedoria, expresso minha profunda gratidão. Sinto Tua presença constante, guiando-me nas trilhas desse caminho chamado vida.

À minha amada família, âncora e alicerce, dedico meu agradecimento especial. Aos meus pais Leila Rodrigues e Enéas Castro, cujo amor é minha fortaleza. Ao meu esposo Wesley Fernandes, meu maior amor e incentivador em tudo nessa vida. Ao meu irmão Eduardo Castro e a minha cunhada Nicole Abreu, o meu muito obrigada por todos os momentos de incentivo e diversões e mais ainda, por terem me proporcionado o dom de ser tia de sobrinhos/afilhados maravilhosos! Aos meus sobrinhos e afilhados, que tanto amo, Miguel Abreu Castro e Joaquim Abreu Castro, obrigada por todos os sorrisos sinceros e abraços carinhosos, que enchem os meus dias de amor. Meu coração transborda de gratidão por cada um de vocês

Giovana Amorim, minha querida orientadora, a ti entrego minha admiração. Suas palavras foram bússolas a guiar meu percurso acadêmico. Sou grata à Deus pela oportunidade de ter te colocado em minha vida desde o meu primeiro período da faculdade. Você é exemplo de profissional e ser humano! Aos professores da banca, Emerson Augusto e Ana Lúcia, companheiros de jornada desde a graduação até este momento de defesa da dissertação, agradeço por cada ensinamento e orientação que moldaram meu conhecimento.

Aos preciosos amigos que o POSEDUC me concedeu, Blenda Priscila, Mateus Luz, Thamires e Luana Rego, agradeço pelas risadas, apoio e por todos os momentos que fizeram desta jornada uma experiência rica e memorável. As minhas amigas Juliana Aquino, Lorena Rocha, Iasmin Couto e Kalydja Nogueira,

o meu agradecimento por cada momento compartilhado no decorrer da pesquisa, dia a dia escolar e particular, vocês foram especiais em todo o processo. Aos amigos de toda uma vida, cujo suporte foi um constante raio de luz, meu coração pulsa de gratidão.

Agradeço à todas as crianças que participaram da pesquisa, sem elas, não seria possível a realizá-la. Vocês preencheram o meu dia de alegria, amor, paz e me ensinaram todos os dias sobre ser criança e sobre o dom da vida.

Por fim, minha homenagem estende-se a toda a equipe do POSEDUC. Todos os esforços e dedicação de vocês tornaram possível este voo acadêmico. Que este agradecimento seja como um abraço apertado, cheio de carinho e reconhecimento. Obrigada, do fundo do meu coração, por fazerem parte desta trajetória repleta de aprendizado e crescimento.

Quais são os “essenciais”
da infância? Poderemos, talvez,
descobri-los por meio dos sonhos
das crianças, das suas emoções,
das falas dos seus corpos, dos
seus desejos, das suas
resistências, das suas potências,
das
suas particulares e únicas formas
expressivas, das suas
tendências, dos seus
temperamentos, dos seus
valores.
O segredo está em aprender a
escutar e a ler essas “falas”.
Mas só se as crianças nos derem
licença...
(Friedmann)

RESUMO

Essa pesquisa faz parte de uma iniciativa que busca aprofundar a compreensão das visões das crianças sobre as infâncias, destacando suas experiências e histórias. O objetivo principal é entender o significado da infância para elas por meio de suas narrativas, colocando as crianças como protagonistas da pesquisa. Foram utilizadas abordagens da Sociologia da infância, com as afirmações de Pinto e Sarmiento (1997) e a Antropologia da Infância, que reconhecem a importância vital de ouvir ativamente as crianças como construtoras ativas de conhecimento. Na prática, a abordagem do mosaico, conforme sugerida por Clark (2001), foi adotada, facilitando diálogos entre crianças, profissionais e pesquisadores para obter uma compreensão holística. A metodologia incluiu amostragem simples, com um total de nove crianças, de uma turma de infantil 5, estudo de caso e diário de campo, com contribuição das concepções de Fernandes (2016) acerca da ética das pesquisas com crianças. A pesquisa ocorre em uma escola particular em Mossoró – RN. Delimitamos, dessa forma, três objetivos específicos afim de nortear sobre os caminhos a serem percorridos durante a pesquisa: Identificar os postulados teóricos/metodológicos que corroboram com o diálogo sociológico do conceito de infância e criança; compreender sob os aspectos teóricos e metodológicos as vozes das crianças, através da escuta, bem como, o cenário da pesquisa; refletir sobre as narrativas das crianças, buscando compreender e caracterizar como a criança dá sentido à sua infância. O estudo está dividido em três sessões. Na primeira, explora-se como a pesquisadora se envolveu no universo infantil, compartilhando sua trajetória pessoal e profissional, a motivação por trás do estudo e a importância de dar voz às crianças. A segunda sessão, intitulado "Traços, sons, cores e formas", concentra-se nos sons das crianças, utilizando uma pedagogia da escuta de Loris Malaguzzi para captar as nuances de suas experiências, e estudos de Bogdan e Biklen acerca do percurso metodológico. Assim como um breve discurso sobre os Parâmetros Nacionais de Infraestrutura para Educação Infantil. A terceira sessão, "Escuta, fala, pensamento e imaginação", traz à tona os dados coletados, com diálogos entre as autoras Kramer (1986) e Natália Fernandes (2009), incluindo conversas e desenhos das crianças, tentando entender como elas atribuem significado às infâncias. A pesquisa destaca que as crianças não são apenas observadoras, mas participantes ativas na construção de suas identidades. Ao incorporar aspectos lúdicos dos campos da BNCC, enriquecemos a compreensão das experiências das crianças, revelando a singularidade de cada vivência e a resistência das crianças em enfrentar o crescimento. Foi verificado o quanto o lúdico pode contribuir para o processo de aprendizagem, e o quanto as crianças são adaptáveis a novos processos. Por fim, o estudo finaliza falando sobre a importância do protagonismo infantil e como essa prática contribui para o processo de educação e de aprendizagem.

Palavras-Chave: Infâncias; Narrativas infantis; Escuta das crianças

ABSTRACT

This research is part an initiative aimed at deepening the understanding of children's views on childhood, highlighting their experiences and stories. The main objective is to grasp the meaning of childhood through their narratives, placing children as protagonists in the research. Approaches from Childhood Sociology, as affirmed by Pinto and Sarmiento (1997), and Childhood Anthropology, which recognize the vital importance of actively listening to children as constructors of knowledge, were utilized. In practice, the mosaic approach, as suggested by Clark (2001), was adopted, facilitating dialogues among children, professionals, and researchers to gain a holistic understanding. The methodology included simple sampling, case study, and field diary, drawing from Fernandes's (2016) conceptions of research ethics concerning children. The research takes place in a private school in Mossoró – RN. We thus delimited three specific objectives in order to guide the paths to be followed during the research: Identify the theoretical/methodological postulates that corroborate the sociological dialogue of the concept of childhood and children; understand children's voices from theoretical and methodological aspects, through listening, as well as the research scenario; reflect on children's narratives, seeking to understand and characterize how children give meaning to their childhood. The study is divided into three sessions. The first explores how the researcher became involved in the world of children, sharing her personal and professional trajectory, the motivation behind the study and the importance of giving children a voice. The second session, entitled "Traces, sounds, colors and shapes", focuses on children's sounds, using a listening pedagogy by Loris Malaguzzi to capture the nuances of their experiences, and studies by Bogdan and Biklen on the methodological path. As well as a brief speech on the National Infrastructure Parameters for Early Childhood Education. The third session, "Listening, speaking, thinking and imagination", brings to light the collected data, with dialogues between authors Kramer (1986) and Natália Fernandes (2009), including children's conversations and drawings, trying to understand how they attribute meaning to childhoods. The research highlights that children are not just observers but participants in the construction of their identities. By incorporating playful aspects from the BNCC fields, we enrich the understanding of children's experiences, revealing the uniqueness of each experience and children's resilience in facing growth. It was observed how playfulness can contribute to the learning process and how adaptable children are to new processes. Finally, the study concludes by discussing the importance of children's protagonism and how this practice contributes to the education and learning process.

Keywords: Childhoods; Children's narratives; Listening to children.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Eu com três meses na minha cidade natal, Lavras/MG	15
Figura 2 - Eu e meu irmão Eduardo em Lavras/MG.....	15
Figura 3 - Minha família em Lavras/MG.....	16
Figura 4 - Turma Pedagogia UERN 2002 – disciplina: Estudos Introdutórios I, com a professora PhD Ana Lúcia Oliveira Aguiar	18
Figura 5 - Momento em que recebi o meu diploma, junto com os meus pais e meu irmão	21
Figura 6 - Meu Casamento: 01/10/2017	22
Figura 7 - Vivência como professora auxiliar na educação em uma UEI (Unidade de Educação Infantil).....	23
Figura 8 – Minha primeira turma como professora titular na escola particular.....	23
Figura 9 - Turma POSEDUC 2022.....	25
Figura 10 - Orientandas da Prof. ^a Dr. ^a Giovana Carla Cardoso Amorim.....	25
Figura 11 - Família materna reunida – Mossoró/RN.....	26
Figura 12 - Natal em família 2022 – Mossoró RN.....	26
Figura 13 - Uma pequena parte da família paterna – Belo Horizonte/MG.....	26
Quadro 1- Descritor: Narrativas Infantis.....	32
Quadro 2- Descritor: Infância de crianças pequenas.....	37
Quadro 3 – Cronologia das concepções da infância.....	49
Figura 14 – Instrumentos da pesquisa.....	57
Quadro 04 – Coleta de Dados	60
Quadro 05 – Protagonistas da pesquisa	70
Figura 15 – Encontro das crianças com o B12. Momento em que elas estavam apresentando os brinquedos para ele – Mossoró, RN.....	72
Quadro 06 - Os sujeitos da pesquisa.....	74
Quadro 07 – O que tem no coração de uma criança.....	82

Figura 16 – As crianças mostrando para o B12 como eles dormiam em casa.....	90
Figura 17 - Momento de carinho entre o B12 e as crianças.....	91
Desenho 1 - “Sou eu e o B12 na sala, com muitas cores, os meus colegas e brinquedos.....	92
Desenho 2 - “Eu e o B12 estamos brincando em um lugar aberto, com sol e nuvens.....	93
Desenho 3 - “Nós estamos brincando na sala.....	93
Desenho 4 - “Esse foi o dia que conheci o B12. Estamos na sala do CPP e tô brincando com ele.....	94
Desenho 5 - “a gente ta brincando de colorir”.....	94
Desenho 6 - “a gente se encontrou no parque e foi muito legal. Não desenhei ele muito bem, mas ficou bonito. Gostei mais de mim e dos corações”.....	95
Desenho 7 - “Desenhei eu e B12 brincando de correr no parque.....	95
Desenho 8 - “Eu brincando com o B12 no sofá da nossa sala, aqui no CPP.....	96
Desenho 9 - “Brincar de boneca com a minha prima lá fora, no parque.....	97
Desenho 10 - “Brincar em um parque, na roda gigante, montanha russa e trem fantasmas.....	98
Desenho 11 - “Levar o B12 para a minha casa e brincar de carrinho. Na sala da minha casa tem uma foto minha com o B12.....	98
Desenho 12 - “Brincar no parquinho com a minha irmã. A gente vai no escorrega que cai na piscina de bolinhas e com dois balanços”.....	99
Desenho 13 - “Brincar de carrinho na minha casa”	99
Desenho 14 - “É brincar no parque com os amigos.....	100
Desenho 15 - “É estudar no CPP.....	100
Desenho 16 - “É brincar com bonecos e os carrinhos”.....	101
Desenho 17 - “É vir para o CPP estudar e brincar com a boneca Carolina, que é a Baby Alive que minha vó me deu.....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UERN Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RN Rio Grande do Norte

POSEDUC Programa de Pós-graduação em Educação

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

PNEI Plano Nacional para a Educação Infantil

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação

BNCC Base Nacional Comum Curricular

MEC Ministério da Educação

RCNEI Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil

DCNEI Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil

BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

PPP Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O EU, O OUTRO E O NÓS	13
2.1 A construção do eu pesquisadora	13
2.2 O outro: a importância das vozes das crianças	27
2.3 E o nós: documentos legais acerca da educação infantil.....	40
3. TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS.....	46
3.1 Os sons das crianças, quem são elas atualmente?	47
3.2 Aspectos metodológicos e as suas formas	53
3.3 O robô: objeto transicional e a importância destes recursos para a oralidade e desenvolvimento infantil	61
3.4 Os cenários e traços da pesquisa.....	63
4. ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	68
4.1 Pensamento e imaginação. quem são os protagonistas dessa pesquisa?	69
4.2 Escutas e falas das crianças sobre os sentidos das infâncias	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE	112
ANEXO	Erro! Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo faz parte de um projeto maior que busca através das narrativas infantis delinear o que pensam as crianças sobre a infância que vivem. A nossa questão de partida: quais são os sentidos das infâncias expressados pelas crianças através de suas narrativas? Nasce do desejo pleno de reconhecer a voz da criança como elemento produtor de sentido sobre a vida, sobre o outro e sobre o mundo que a rodeia. Os estudos da Sociologia e da Antropologia da Infância nos ajudam a lançar novos olhares sobre as crianças e as infâncias, buscando interpretá-las no diálogo com teorias de diferentes abordagens teóricas. É ouvindo as crianças que conhecemos mais sobre as suas vivências, suas vidas e as significações que atribuem às suas experiências.

As crianças compartilham de uma cultura comum – as culturas infantis – arranjando suas existências cotidianas com os meios a elas dados, pelos dispositivos de socialização que lhes são impostos ou propostos. Nesse processo, faz-se urgente e emergente que as crianças sejam agentes de suas próprias culturas com apropriação criativa, a partir das informações do mundo e formulando seus próprios saberes enquanto grupo de iguais (Javeau, 2005; Barbosa, 2007).

Conforme sugere a literatura pedagógica sobre a temática infância, de Maristela Cristina (2010), compreendemos que durante muito tempo, a educação da criança foi considerada apenas responsabilidade das famílias ou grupo social a que pertenciam. As creches e pré-escolas surgiram depois das escolas, relacionadas às mudanças econômicas, políticas e sociais que aconteceram na sociedade.

No embate positivo de várias reivindicações de movimentos sociais pelo Brasil, a criança teve seu reconhecimento marcado na Constituição Federal de 1988 no seu artigo 205 no qual afirma que: “[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Segundo Metz (2010, p. 28), o cuidar não deve ser compreendido apenas como cuidados de higiene, alimentação e sono, mas também, como oferta desafiadora e aprendizagens adequadas para a individualidade de cada criança, envolvendo os aspectos cognitivos, socioafetivos, biológicos e sociais.

No que diz respeito as narrativas infantis, quando estamos em uma roda de conversa e passamos a conversar e escutá-las, seja esse momento em uma sala de aula ou qualquer outro ambiente, podemos perceber narrativas cheias de realidade, imaginações, indagações e ideias criativas.

As narrativas e vivências infantis vão muito além das paredes escolares, mas sim, uma junção de experiências em seu processo de crescimento que já é considerado desde que está no ventre da sua mãe, pois de acordo com Antunes (1937):

Após a 24ª semana de gravidez o feto pode ouvir e um pouco mais tarde “lembrar” de coisas regulares, de maneira pausada e com voz baixa. Não importa tanto o que se diz, mas o afeto e a clareza com o que se diz. Ao nascer, essas mesmas frases repetidas o ajudarão a identificar momentos vividos no “aquário” de segurança que é o útero materno (Antunes, 1937, p. 107).

A narrativa, torna-se assim, essencial para o sentido da coletividade, em que cada qual aprende a exercer seu papel, e por consequência, as possibilidades de dialogar sobre percepções, desafios, desejos e suas vivências individuais. Ao nosso ver, faz-se necessário uma educação baseada no reconhecimento, compreensão e com suas diferenças, uma formação cultural que respeite e entenda a experiência de cada ser, seja em escolas, com suas famílias, bairros ou por meio da interação com o mundo e experiências com o outro.

À luz das reflexões apresentadas, o estudo em pauta, propõe um olhar emancipatório em relação à criança, investigar o que elas falam/pensam sobre os sentidos das infâncias, tornando-as, assim, protagonistas da pesquisa.

Delimitamos, dessa forma, três objetivos específicos afim de nortear sobre os caminhos a serem percorridos durante a pesquisa: Identificar os postulados teóricos/metodológicos que corroboram com o diálogo sociológico do conceito de infância e criança; compreender sob os aspectos teóricos e metodológicos as vozes das crianças, através da escuta, bem como, o cenário da pesquisa; refletir sobre as

narrativas das crianças, buscando compreender e caracterizar como a criança dá sentido à sua infância. Com esse propósito dividimos o estudo em três sessões no qual buscaremos atingir os objetivos específicos, para assim conseguirmos alcançar o objetivo geral que é o de compreender os sentidos das infâncias, através das narrativas das crianças da última etapa da educação infantil.

Na primeira sessão, intitulado **“O eu, o outro e o nós”**, tem como objetivo apresentar inicialmente o encontro da pesquisadora com o universo infantil, destacando o percurso pessoal e profissional, enfatizando a justificativa do estudo. Evidenciamos também a importância das vozes das crianças, tomando como base a valorização da criança como sujeito dialógico e investigamos outras pesquisas que compartilham da nossa proposta de estudo no que se refere a infâncias, crianças e narrativas infantis. Para tanto, abordamos também os princípios legais e teóricos que vem sendo historicamente construído, compreendendo o percurso histórico da Educação Infantil como também a criança como sujeito histórico e de direitos.

Na segunda sessão, denominado **“Traços, sons, cores e formas”**, abordaremos os sons das crianças, trazendo como eixo norteador a pedagogia da escuta, de Loris Malaguzzi. Partiremos de estudos de Bogdan e Biklen acerca do percurso metodológico da presente pesquisa, bem como, um breve discurso sobre os Parâmetros Nacionais de Infraestrutura para Educação Infantil, quanto as dimensões físicas dos ambientes destinados à Educação Infantil.

Na terceira e última sessão, que traz como título **“Escuta, fala, pensamento e imaginação”**, vamos conhecer as crianças, os verdadeiros atores dessa pesquisa, trazendo um pouco das suas culturas, como ela se percebe, dentre outros aspectos importantes. Por fim, apresentaremos os dados coletados através de algumas manifestações infantis, sendo elas através da fala, vídeo e/ou desenho, quanto ao entendimento delas em relação a sua compreensão sobre os sentidos das infâncias, trazendo fragmentos das falas das crianças no que diz respeito ao pensamento, culturas e diversidade.

2. O EU, O OUTRO E O NÓS

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. (Brasil, 2017, p.40).

O reconhecimento tardio da criança como sujeito singular, como sujeito de direito, estabeleceu por muitos anos no Brasil, certas incompreensões sobre suas reais características. Mais do que uma etapa da vida, a infância tende a desvelar a inteireza da criança, seu agir, seu pensar, a passagem do egocentrismo para o sociocentrismo (o eu e o nós), os conflitos gerados por seus descobrimentos, suas representações singulares de si, do outro e do mundo.

Toda a criança tem o direito de brincar, conviver, de se expressar, conhecer-se e participar, todas essas condições são situações que devem ser vivenciadas pelas crianças para que elas aprendam e possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (Brasil, 2018).

As narrativas das crianças nos levam a compreender que a maneira como as crianças pequenas organizam suas formas de perceber e interagir no mundo por meio da ação, do movimento, da curiosidade, da imaginação e das interações, torna necessária a comunicação entre áreas disciplinares, campos de conhecimento e experiências, pela mediação de diferentes linguagens, sejam elas, verbais, de forma oral ou escrita, visual, corporal, artística, para “se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2017, p. 09)”

2.1 A construção do eu pesquisadora

Neste primeiro subtópico, trarei reflexões acerca da minha vida que estão totalmente interligados, seja de forma direta ou indireta com o meu objeto de pesquisa que é sobre infâncias, crianças e as vozes delas. Dessa forma, a partir de agora, este capítulo demanda um posicionamento voltado para a construção do “eu”

pesquisadora. Faremos, portanto, o uso do diálogo em primeira pessoa para expressar a minha história de vida pessoal, acadêmica e profissional, até os dias de hoje. Dessa forma, Halbwachs (2004) diz que:

A memória apoia-se sobre o 'passado vivido', o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o "passado vivido", o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o passado apreendido pela história escrita (Halbwachs, 2004, p. 75).

Assim, percebemos o quanto as memórias se fazem presentes em nossa vida, sejam memórias do passado ou presente, mas que estão em constante movimento, bem como, que em nossas narrativas nunca falaremos somente sobre nós mesmos, mas também sobre pessoas que estiveram/estão presentes em nossa história.

Para iniciar a narrativa sobre a minha história de vida, trago aqui um trecho da canção "Amarelo, Azul e Branco, de Anavitória, que diz: "deixa eu me apresentar, que eu acabei de chegar, depois que me escutar você vai lembrar meu nome. É que eu sou dum lugar onde o céu molha o chão, céu e chão gruda no pé, amarelo, azul e branco..."¹. Esse trecho da canção traz uma reflexão importante sobre quem sou eu e de onde eu vim, sendo assim, espero que depois que me escutarem, lembrem do meu nome...

A utilização das histórias de vida e das narrativas autobiográficas como recurso, supõe investimento na formação; reflexão sobre os processos formativos e de profissionalização; conhecimentos de si mesmo e do outro; projeção do seu trabalho (BUENO, 2002).

É preciso atentar para o fato de que:

O que *dá forma* ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da *formação*, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida. (Delory-Momberger, 2008, p.56).

¹ Música das cantoras Anavitória, que está no site letras. Compositores: Ana Clara Caetano Costa / Vitoria Fernandes Falcao - Letra de Amarelo, azul e branco © Universal Music Publishing. <https://www.letras.mus.br/anavitória/amarelo-azul-e-branco-part-rita-lee/>

Dessa forma, começo a minha apresentação: Sou Gabriella Castro Pereira, nasci no dia 23 de fevereiro de 1993, numa cidade do interior de Minas Gerais chamada Lavras, localizada a 241 km de distância da capital Belo Horizonte. Cheguei ao mundo exatamente às 9h00 da manhã de uma segunda-feira de Carnaval, uma das festas mais populares do país e já tinha um irmão de nome Eduardo, de quatro anos de idade, também mineiro nascido em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Minhas memórias desse período são de uma criança criada em um ambiente familiar de muito amor, e liberdade para brincar, para exercer os papéis sociais que desejasse, sem aquela tutela ou proteção constante dos meus pais ou demais membros familiares.

Figura 2: Eu com três meses na minha cidade natal, Lavras/MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora (1993)

Figura 2 – Eu e meu irmão Eduardo em Lavras/MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora (1993)

No que diz respeito aos lugares que já morei, depois da minha Cidade Natal, Lavras/MG, morei em Uberlândia/MG junto com minha família, minha mãe Leila, meu pai Enéas e meu irmão, Eduardo. Morei nessa cidade até os três anos de idade, até que meus pais resolveram trocar de cidade e vir morar em Mossoró/RN, cidade onde minha mãe residia quando solteira juntamente com meus avós maternos, Leôncio e Geny e meus tios Fabrizio e Alex, irmãos da minha mãe. Ainda na

infância, quando completei um ano de idade, perdi minha Tia Rossana, uma professora exemplar, mas que não tive o prazer de conviver. Esse momento marcou a família.

Figura 3 – Minha família em Lavras/MG.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (1995)

Quando cheguei aqui em Mossoró/RN com os meus três anos de idade, fomos morar em um bairro chamado Sumaré, lugar pacato, com poucas casas e muitas árvores e terrenos grandes e sem casas, poucos vizinhos, porém os que tinham eram sempre muito acolhedores. Logo que chegamos, todos os vizinhos nos receberam muito bem e ali iniciou o meu processo de amizade, amigos esses que até hoje mantenho o contato e que carrego para a vida.

Com quatro anos de idade iniciei minha vida escolar em um Colégio particular, localizado no mesmo bairro que eu morava. Esperei com muita expectativa por esse dia tão importante, segundo minha mãe, eu não tinha outro assunto. Conhecer os coleguinhas e a professora era meu maior desejo. Mas nem tudo foi tão perfeito. Chorei no primeiro dia e dias subsequentes com saudades de casa e da minha família. Até me acostumar, foram muitas lágrimas derramadas. Mas por fim me acostumei e aprendi a amar a escola e as letras. Daí se dá início o meu sonho de virar professora, principalmente da Educação Infantil. Já tinha em casa um exemplo: Minha mãe, formada em pedagogia, abdicou da vida de professora para cuidar de mim e do meu irmão. Meu pai trabalhava como

caminhoneiro, vivia na estrada e minha mãe nos educava em casa com todo carinho e amor, sempre batalhando para que eu e meu irmão saíssemos bem em todas as matérias. Algo peculiar nas atitudes dela me chamava a atenção. Ela havia parado de estudar há alguns anos já, então, ela estudava o nosso livro enquanto estávamos na escola, aprendia a matéria e nos passava a lição com maestria. E foi assim que ela formou uma professora mestranda e um Doutor em Engenharia Agrônômica. E foi assim também que aprendi a amar a arte de lecionar.

Desde que iniciei a minha carreira estudantil, fui estimulada pelos meus pais e professores a pensar no meu futuro cursando uma faculdade, futuramente um mestrado, doutorado, mas não tinha em mente qual área iria trabalhar, qual vestibular iria fazer, pois eram muitas dúvidas, indagações e vendo exemplos de muitas pessoas, tanta da minha família, quanto os amigos. Quando era pequena, gostava muito de brincar dando aula, fingia estar em uma sala de aula com as minhas amigas e eu sempre era a professora, até ganhei um quadro branco pequeno da minha mãe, pois era a brincadeira que eu mais gostava, até que fui crescendo e fui escutando das pessoas o quanto a profissão de professor era árdua, difícil, e que não tinha valor, escutava isso muitas vezes dos meus próprios professores. Com base nessas opiniões das pessoas, e todas essas falas, comecei a pensar em outras profissões, mas como ainda tinha uns 11 anos de idade, achei que ainda não era necessário eu me preocupar tanto, com isso, fui deixando “acontecer”, esperando o momento certo de pensar melhor sobre o meu futuro.

Após alguns anos, ingressei no Ensino Médio e por um momento fiquei sem saber o que fazer ao certo, mas até que pesquisando na internet sobre os cursos em Mossoró, encontrei pedagogia, curso em que minha mãe é formada. Nesse momento, foram muitas indagações, pois me lembrava muito do que os meus professores falavam, e outras pessoas também, até que resolvi esquecer um pouco sobre esses comentários e resolvi pesquisar na internet sobre o curso de pedagogia, até que me deparei com a ampla área que o curso nos oferece, as áreas que um pedagogo pode atuar, os campos, dentre várias outras funções, e assim resolvi prestar vestibular para o curso de Pedagogia na UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte). Até que chegou o dia da prova do vestibular, fiquei

muito nervosa, pois tinha medo de não conseguir passar, porém, fiz as provas, gostei bastante dos dois dias e alguns meses depois veio o resultado e a minha aprovação. Momento incrível, de muita alegria, felicidade e esperança para o dia da matrícula e depois, o grande dia, o início das aulas.

Dias após, chega o grande dia, o primeiro dia de aula. Não sabia onde era a sala, quem eram os professores, cheguei completamente perdida, até que encontrei umas pessoas que estavam no dia da matrícula e já fui ao encontro para acharmos juntos a sala do primeiro período.

A primeira disciplina que tínhamos que cursar, era Estudos Introdutórios I, que dura uma semana, e lembro-me que esse estudo era para nos situar de como era a faculdade de Educação, o que tínhamos no nosso curso, dentre várias outras coisas. Fomos visitar o nosso bloco, que é chamado de FE (Faculdade de Educação), local onde estudamos, com a professora Ana Lúcia Aguiar, mais conhecida como Aninha, conhecendo as salas de aula, a secretaria, banheiros, dentre outros espaços que a partir daquele momento fariam parte da minha rotina.

Figura 4 – Turma Pedagogia UERN 2002 –
disciplina: Estudos Introdutórios I, com a professora PhD Ana Lúcia
Oliveira Aguiar



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2002)

Duas semanas depois de estar na faculdade, me encontrei com uma grande amiga, que morava no mesmo bairro que eu, e ela já estava concluindo o curso. Ela veio me dar às boas-vindas e me deu várias dicas referente ao curso de Pedagogia. Depois disso, fiquei amiga de duas amigas dela, e elas sempre me orientavam no que era preciso. Inclusive, uma dessas amigas dela, junto com ela, eram orientadas pela professora Doutora Giovana Carla Cardoso Amorim e ela estava precisando de uma aluna para participar de um projeto dela no PIBIC (PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA), logo as meninas lembraram de mim e me convidaram para participar. Foi um momento de muitas dúvidas, pois eu estava chegando na Universidade e estava no processo de adaptação, principalmente em relação aos programas educacionais que a UERN nos oferecia, mas, pensando na importância de estar nesse processo de pesquisa, logo aceitei e fui ao encontro da professora Giovana. Desde esse primeiro momento, já me senti acolhida e a partir daí, fiquei participando de vários projetos com ela, dentre eles, fui monitora da disciplina Concepções e Práticas, quem foi um momento de muito aprendizado, disciplina essa que me deixou mais encantada por Pedagogia, principalmente no segmento da Educação Infantil.

Assim como Arroyo (2000, p. 135) acredito que:

Temos nossa história. Somos sujeitos. Fazemos parte de um processo social ao longo do tempo. Aí nós descobrimos como professores, como categoria, não estática, mas histórica, em construção. As leis, as políticas de formação, os planos de carreira, a estrutura dos sistemas escolares foram construindo um perfil do professor, mas também a categoria vem se construindo a si mesma, seu perfil. É sujeito de sua própria história [...]

Me reconhecer como professora e sujeito das minhas próprias histórias, me dá espaço para que eu possa, através das minhas narrativas, revelar fatos importantes e que estão em constante construção no meu ser professora, acontecimentos complexos e ricos de significados e sentidos.

No que diz respeito ao pensar Educação, Larrosa apresenta uma possibilidade real, ou seja, pensar a educação a partir das palavras experiência/sentido, atribuindo significado a elas, sendo assim, concordo com Larrosa quando diz que:

As palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras e, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (Larrosa, 2016, p. 18).

Dessa forma, ao iniciar a minha experiência com a educação de forma prática, nos estágios, tive a vivência primeiro o da Educação Infantil, momento de muito aprendizagem e curiosidade, pois seria o meu primeiro contato em uma sala de aula com crianças e eu sendo a professora. E claro, amei estar com elas. Já no estágio supervisionado II, que eram com crianças de ensino fundamental, fiquei com uma turma maravilhosa e aprendi bastante com eles. Por último, veio o estágio supervisionado III, em espaço não escolar, fui vivenciar experiências maravilhosas na SEMOB (Secretaria de Mobilidade Urbana). Todos os estágios foram de grande importância para a minha construção profissional e pessoal.

Em relação à reta final do curso de Pedagogia, continuei com a professora Dr^ªa Giovana Amorim me orientando, sempre me incentivando e próxima de mim em todos os momentos. Me formei no ano de 2016, momento repleto de alegrias, esperanças, anseios, um misto de sentimentos. No dia 23 de agosto de 2016 recebi o meu diploma, que no momento da assinatura refleti bastante sobre a importância dessa profissão, bem como, de todos os momentos e aprendizagens que os professores da UERN me proporcionaram.

Figura 5 – Momento em que recebi o meu diploma, junto com os meus pais e irmãos



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2016).

Ainda na Universidade, conheci aquele que viria a ser meu esposo, Wesley Fernandes que foi praticamente meu primeiro namorado. Ele trabalhava como eletricitista, uma profissão muito arriscada, mas muito promissora. Me encantei pela pessoa honesta que ele se mostrava e pelo respeito que tinha pelos meus.

No que diz respeito a festa de formatura, infelizmente não pude participar junto com a minha turma por questões financeiras, isso me deixou desanimada durante um tempo, pois queria muito uma festa com os meus amigos, família, muita música, descida da escada com um belo vestido, enfim, tudo que uma linda festa tem direto. Mas não desisti desse sonho. Eu e Wesley (meu esposo hoje) namoramos por três anos, em seguida ficamos noivos durante um ano, e nesse período resolvemos nos organizar para fazer a nossa grande festa. Então, no dia 01/10/2017 foi o nosso grande dia. Realizamos o meu sonho que passou a ser dele também e fizemos uma linda festa que tenho somente lembranças maravilhosas, pois conseguimos reunir toda a nossa família e amigos para vivenciarem conosco esse momento tão maravilhoso e abençoado.

Figura 6 – Meu Casamento: 01/10/2017



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2017).

Nesse meio tempo, trabalhei como auxiliar na educação infantil de uma UEI (Unidade de Educação Infantil) aqui em Mossoró/RN, onde aprendi muito sobre a prática pedagógica. Como era um estágio remunerado, só pude ficar por dois anos, sendo assim, no ano de 2017 consegui um outro emprego em uma instituição privada de Mossoró/RN, onde entrei como auxiliar em uma turma de infantil 3 e no ano seguinte, 2018, fui convidada para atuar como professora em uma turma de crianças de dois anos. No ano de 2019 fiquei atuando os dois horários na escola, em uma turma de crianças de cinco anos e a cada ano que passava, só aumentava o meu amor pela educação infantil. Em 2020, ainda na mesma instituição, comecei a atuar um horário como professora e o outro na assistência da coordenação da Educação Infantil e Fundamental anos iniciais, dessa forma, criei uma admiração pela área da coordenação da Educação Infantil, que é o setor que estou atuando atualmente.

Figura 7 – Vivência como professora auxiliar na educação em uma UEI



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2016).

Figura 8 – Minha primeira turma como professora titular na escola particular.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

Diante todo esse meu percurso, também tinha um grande sonho de fazer mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da UERN – POSEDUC, então no ano de 2017 abriu o edital e rapidamente fiz a minha inscrição. Realizei a prova, fiquei na expectativa pela aprovação e não era o momento, não consegui passar. Fiquei um pouco desmotivada, porém, sabia que o meu momento chegaria. E assim aconteceu, no dia 01 de setembro de 2021 fiz a minha inscrição para o tão sonhado mestrado.

Após a inscrição no mestrado, precisava enviar um projeto Pesquisa para a análise dos professores e em seguida, caso fosse aprovado, fazer a defesa para os professores que eu havia selecionado de acordo com o campo de pesquisa. Até que chegou o dia 19/10/2021, data do resultado da aprovação do projeto, dia do resultado e para a minha alegria, estava lá o meu nome: GABRIELLA CASTRO PEREIRA. Nossa, quanta alegria! Mas não acabava por aí, pois ainda tinha a defesa do projeto. Então, no dia 05/11/2022, às 16h, era a minha entrevista. Estava super nervosa, mas ao mesmo tempo confiante, pois era um sonho que estava perto de ser realizado. A entrevista foi ótima, fiquei super à vontade ao apresentar o meu

projeto que tinha como título “O sentido da infância através das narrativas de crianças pequenas (5 anos e 11 meses) inseridas no contexto escolar”.

Longos dias se passaram após a entrevista para o momento de espera do resultado, que aconteceu no dia 17/12/2021, uma sexta-feira. Já amanheci na expectativa e aguardo do resultado. Fui trabalhar como de costume, até que de repente, recebi o resultado através de uma grande amiga que fiz na Universidade, Chris. Quando abri o edital, vi o meu nome e não aguentei, pulei, chorei, liguei para minha família e meu esposo na mesma hora e comemoramos MUITO.

No dia 22/03/2022 as aulas do POSEDUC começaram e assim conheci a turma, revi professores que conheci na graduação e continuei o processo da construção do eu pesquisadora. No decorrer das discussões que foram surgindo na disciplina Pesquisa e Infância², ministrada pela Prof.^a Dr.^a Giovana Carla Cardoso Amorim, foi explanado questões de grande relevância acerca da participação das crianças em pesquisas, perceber a criança como um ser de direitos e protagonistas no meio em que elas se encontram. A partir dessa aula, tive mais certeza ainda que estava no lugar certo e com a pesquisa certa, já que desde o princípio quis trazer as narrativas das crianças sobre as infâncias, pois de acordo com a BNCC, a criança pode ser definida como:

Ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo (Brasil, 2017, p. 38).

² Disciplina de natureza optativa, ofertada no semestre 2017.2 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC/UERN

Figura 9 – Turma POSEDUC 2022



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022)

Figura 10 – Orientandas da Prof.^a Dr.^a Giovana Carla Cardoso Amorim



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022).

Dessa forma, é de grande importância deixar que a criança fale, expresse seus desejos e necessidades, manifeste suas insatisfações e sinta-se valorizada e reconhecida como sujeito ativo em seu processo educacional.

As memórias aqui revisitadas e reveladas, são experiências vivenciadas no tocante ao meu processo formativo e pessoal que transformou muitos dos meus pensamentos e colaborou ativamente para o encontro com todo o meu percurso até

hoje. A afinidade e amor pela educação infantil e crianças, vem desde a minha infância e transborda em minha prática pedagógica e como disse anteriormente, os meus pais, desde pequena, sempre me incentivaram a seguir e realizar os meus sonhos e hoje me sinto feliz com todas as minhas conquistas profissionais, como também pessoais.

Enfim, foi um grande prazer revisitar as minhas memórias através da escrita desde trabalho e assim, deixo aqui fotos da minha família hoje, que tenho o grande prazer de apresentar meus lindos sobrinhos, Miguel Abreu Castro, que nasceu no dia 01/03/2019 e é meu afilhado e Joaquim Abreu Castro, nascido dia 23/11/2020, frutos do amor do meu irmão Eduardo Castro Pereira e minha cunhada Nicole Maria Abreu. Ambos só trouxeram grandes alegrias para toda a nossa família.

Figura 11 – Família materna reunida – Mossoró/RN



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2021)

Figura 12 – Natal em família 2022 – Mossoró/RN



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2022)

Figura 13 – Uma pequena parte da família paterna – Belo Horizonte/MG



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2021)

A afinidade e amor pela educação infantil e crianças, vem desde a minha infância e transborda em minha prática pedagógica. Apesar de ser desafiante a pesquisa com crianças, será uma oportunidade de trazer a criança como protagonistas e ter as suas vozes validadas e respeitadas, percebendo-as como seres pensantes, que recebem e produzem cultura.

2.2 O outro: a importância das vozes das crianças

Pesquisar crianças, utilizando as suas vozes, é quebrar padrões e romper barreiras, é “buscar algo de novo para nós e para elas”, reconhecendo-as enquanto seres capazes de atribuírem significados às suas experiências (Abramowicz, 2011, p. 21). De acordo com os autores Nunes, Corsino e Didonet,

A criança sempre tem coisas a nos dizer sobre si mesma e sobre tudo o que a cerca. Sua “fala”, em diferentes linguagens, é mais do que uma particular, individual e passageira visão. É a visão com base no olhar infantil, que revela a face do mundo percebida por esses sujeitos curiosos e criativos, intuitivos e descobridores, pensadores e sensíveis que são as crianças (NUNES; Corsino; Didonet, 2011, p. 11).

Desde os primeiros contatos com o universo da docência, no curso de Pedagogia, desenvolvemos o desejo em aprofundar as questões sobre a infância, de forma mais precisa no que se diz respeito ao desenvolvimento da criança na infância como base do universo do saber. Com o passar do tempo, o meu contato com a rotina escolar se intensificou, mais especificamente com a sala de aula, e senti a necessidade de investir esforços investigativos em torno da infância e da criança como objeto de conhecimento, que requer de nós, posicionamento crítico e reflexivo e sensibilidade para não idealizá-las como sujeitos antidialógicas. As suas vozes, vivências e atitudes precisam ser respeitadas e validadas. De acordo com Malaguzzi,

Para as crianças, o diálogo abre este jogo de exercer diferentes papéis. As crianças têm a imensa sorte de saber como extrair pensamentos e significados das vozes umas das outras. Podem falar em imagens que estão próximas, mas também em imagens que estão remotas. Para os adultos, essas imagens podem parecer fora de foco, mas estão sempre próximas à sensibilidade das crianças. (Malaguzzi, 2016, p. 310).

Para infância e a criança serem vistas como motivos centrais de pesquisas, de certa forma, custou tempo. Demorou mais ainda para que compreendessem a criança como sujeito histórico e de direitos, tendo como eixo de suas investigações o registro das falas das crianças. Dessa forma, de acordo com Friedmann (2020), “mas, assim como há propostas sérias, conscientes e comprometidas, os modismos também se instauram e povoam redes sociais, discursos e, muitas vezes, se tornam oportunidades de negócios, de interesses ou de promoção de diferentes grupos sociais (Friedmann, 2020, p.13).

São muitos os questionamentos em relação ao processo de desenvolvimento de pesquisas com crianças, esse fazer desafiante, pois são muitas questões que precisam ser superadas e consideradas, iniciando pelo olhar do pesquisador, bem como, a escuta em relação à criança e infância. A escuta e o olhar do pesquisador devem ultrapassar as barreiras da objetividade e alcançar a singularidade de cada criança. Dessa forma, com uma escuta sensível e um olhar aguçado, o pesquisador tem a tarefa densa de compreender as particularidades das crianças e suas infâncias diante dos jeitos de ser crianças (Filho, 2011). Pensar a criança e a infância, faz com que elas tenham visibilidade, renovando a forma de se fazer pesquisa, tornando-as sujeitos ativos e protagonista durante o processo da pesquisa.

Cada um de nós passamos por esse universo infantil e ao lançar buscas a respeito dessas infâncias, percebe-se que representa a identidade pessoal e social de cada um de nós, mantendo-se em nossas reflexões e práticas atuais. Partindo dessa ideia, Friedman diz

Não sei se vocês sabem que, antigamente, crianças tinham poucos direitos e muitas obrigações, raramente eram ouvidas ou podiam dar sua opinião, ou dizer o que sentiam ou o que queriam. Quiçá, os que mais nos escutavam – e continuam a escutar as crianças – eram nossos avós. Por outro lado, crianças tinham muito tempo, brincavam e conviviam com crianças de idades diferentes, tinham a rua e muitos espaços de natureza sempre perto e disponíveis para brincar (Friedmann, 2020, p. 8).

Conforme a citação supracitada, é possível afirmar que as crianças vivem diferentes momentos, sejam elas relacionadas ao tempo, como trouxemos o exemplo das crianças de antigamente ou pelas modificações de acordo com o seu

lugar e com seu grupo social, porém, todas essas vivências de forma direta ou indireta, se mantêm em nossas práticas.

A infância, seja ela falada através das vozes das crianças ou não, é um momento da vida que todos vivenciaram e é nessa fase que tudo começa,

tanto o que é da natureza genética quanto o que decorre das relações e dos vínculos que cada pessoa estabelece com seu entorno: os espaços de convivência; os atores com que cada um interage; cada olhar; cada gesto; cada atitude de empatia, antipatia ou indiferença; cada estímulo; excessos ou faltas; aconchego; frieza; rejeição; afetos ou violências; objetos; mobiliários; climas; ritmos ou a falta deles; alimentação; cuidados com a higiene; culturas; músicas; costumes; vestimentas; rituais; brincadeiras; valores (Friedmann, 2020, p.22).

Sarmiento (2000) compartilha da ideia de que as crianças são seres ativos e interativos, que recebem, mas que também produzem cultura, e que de certo modo afetam as transformações da sociedade com base nas suas interpretações, integrações, efeitos de suas práticas na cultura constituída. É relevante ressaltar que:

a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) porque se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designada- mente nas interações entre crianças, com a incorporação de afectos, da fantasia e da vinculação ao real (Sarmiento, 2000, p. 156).

Acolher e ouvir as crianças, é respeitá-las como seres dialógicos, pois assim estamos dando voz aos sonhos, desejos, a possibilidade de conhecer novas culturas e valorizar a diversidade cultural.

Entendendo que a pesquisa abrange um universo amplo, investigamos outras literaturas, bem como, levantamos as produções científicas brasileiras à nível de mestrado e doutorado acerca da temática, de modo a trazer contribuições para as reflexões que viessem ao encontro da proposta do nosso estudo.

O estado do conhecimento, caracterizado como um tipo de pesquisa que mapeia estudos com semelhanças em relação ao objetivo de estudo pretendido tem como objetivo inventariar, analisar, compreender e refletir sobre as pesquisas que envolvem a temática infância e narrativas infantis nas últimas décadas (2012-2022). Esse tipo de pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica caracterizada enquanto estado do conhecimento, e foi realizada em uma única etapa, a partir de consulta

realizada por meio do portal de teses e dissertações da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Romanowski e Ens (2006, p.39), defendem que os estudos denominados Estado do Conhecimento:

(...) podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

A partir dessa pesquisa denominada Estado do Conhecimento, é possível analisar diversas variantes de uma determinada temática, como por exemplo, os procedimentos metodológicos utilizados, sujeitos da pesquisa, como essas produções estão acontecendo, se há trabalhos recentes, dentre outros aspectos importantes acerca da pesquisa. Para tal propósito, a partir do nosso interesse de temática, filtramos o máximo de informações e buscando trazer somente as pertinentes relacionadas a pesquisa.

A pesquisa foi realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), onde a busca decorreu na modalidade de busca por título e em todos os campos, no qual utilizamos os seguintes descritores: "Narrativas infantis", "Sentido da infância" e "Infância de crianças pequenas".

Em relação aos resultados relacionados aos descritores, tivemos o seguinte resultado: "Narrativas infantis" dez trabalhos; "Sentido da infância" três pesquisas; e por último, "Infância de crianças pequenas" dois trabalhos para análise. Em todas as investigações foi utilizada a busca avançada, filtrando o ano de defesa da última década (2012 a 2022). Já nos dois últimos descritores citados acima, utilizamos uma busca avançada por título.

Para a seleção na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, realizamos a leitura e análise dos resumos e problemas/perguntas dos trabalhos pesquisados na primeira busca com os descritores já citados. Os dados obtidos foram sistematizados numa tabela, na qual foram indicados os seguintes

aspectos: Numeração e tipo de pesquisa, ano, título, problemas/perguntas e objetivos, de todos os trabalhos encontrados de acordo com cada descritor.

Após a leitura e análise dos resumos de algumas teses e dissertações que contemplam os descritores da pesquisa em tela, tivemos um total de quinze pesquisas, sendo que alguns estudos não descrevemos pelo fato de não estarem relacionados com as categorias explanadas.

Em seguida, após a análise dos primeiros dados obtidos explanados acima, elaboramos um quadro descritivo, com os seguintes aspectos: Título, autor e ano, tipo de trabalho, programa de pós-graduação e IES/Estado para assim iniciar as discussões a respeito sobre cada pesquisa encontrada, onde foram destacados apenas os mais próximos da temática que se pretende investigar.

A fim de refinar a busca e direcioná-la para os objetivos do estudo, foram estabelecidos dois critérios:

1) Pesquisas que respondessem aos questionamentos: o resumo fala sobre as narrativas de crianças da educação infantil inseridas no contexto escolar? O corpo do texto trará aspectos interessantes para a temática narrativas infantis e infância?

2) Pesquisas que abordassem diretamente sobre narrativas infantis e infância, ou seja, todos os trabalhos que tratassem sobre narrativas de adultos (pais/responsáveis ou professores), não foram selecionados.

Por fim, de todas as pesquisas encontradas, três foram as que mais se aproximaram da temática, sendo duas do descritor “narrativas infantis” e uma de “infância de crianças pequenas”. No descritor sentido da infância, não encontramos nenhuma que estivesse em consonância com a temática. No que diz respeito ao tipo de pesquisa, tivemos o total de duas dissertações e uma tese, de acordo com o quadro de análise abaixo.

Quadro 1: Descritor: Narrativas Infantis

Título	Autor e ano	Tipo de Trabalho e Programa de Pós-graduação/IES	Objetivos
Gestos e fala nas Narrativas infantis.	BR ANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida, 2015.	Dissertação - Programa de Pós-graduação em Linguística/Universidade Federal da Paraíba.	Observar o percurso da aquisição oral em seus multissistemas no gênero histórias infantis, isto é, descrever como se dá a aquisição observando a oralidade em seus multissistemas: gestos e fala com o propósito de perceber a importância dos gestos na construção discursiva.
Narrativas infantis e processo formativo: estudo sobre as significações de crianças sobre suas experiências na educação infantil.	C OELHO, Ellen Cristin Campos de Souza, 2016	Dissertação / Programa de Pós-graduação em Educação - Universidade Federal de Mato Grosso	Esta pesquisa objetivou-se em compreender os processos de significação da vivência educacional das crianças, mediante a produção de suas narrativas.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

Nas leituras realizadas, buscamos compreender as propostas de estudos através de uma análise geral, observando as que trazem direcionamentos acerca das infâncias e da importância das narrativas infantis. Assim, encontramos nas pesquisas sobre as vozes das crianças em relação a contações de história, bem como a importância dos seus gestos, a importância da visibilidade das narrativas infantis e os múltiplos conceitos de infâncias.

É importante destacar que as pesquisas serão apresentadas de forma breve, evidenciando as questões norteadoras, objetivos, metodologia, sujeitos da pesquisa, instrumentos utilizados para a coleta de dados, dentre outros aspectos que indicam importantes contribuições para a pesquisa.

No que diz respeito ao primeiro trabalho, cujo título é “Gestos e fala nas narrativas infantis”, da Universidade Federal da Paraíba, Brandão (2015) traz algumas questões de partida para a sua pesquisa, que selecionarei tem mais relevância para a temática, que são elas: “Que processos interferem na construção das narrativas infantis? Qual é o papel do adulto nesse desenvolvimento?”.

De acordo com esses questionamentos, Brandão (2015) traz como objetivo de sua pesquisa descrever como se dá a aquisição observando a oralidade em seus multissistemas: gestos e fala com o propósito de perceber a importância dos gestos na construção discursiva, através de uma pesquisa longitudinal e observação participativa.

Os sujeitos da dissertação foram seis crianças da Educação Infantil, especificamente de dois a cinco anos de idade, sendo quatro do sexo masculino e duas do sexo feminino. Em relação a coleta de dados, utilizou gravações em câmera de vídeo, que ocorreram especificamente uma vez por semana.

Em um primeiro momento da pesquisa, a professora da sala realizou a leitura de histórias infantis, para que as crianças se apropriassem da situação. No segundo momento, a pesquisadora solicitou que as próprias crianças contassem a história, para assim observar as narrativas infantis, no intuito de perceber os gestos e falas das mesmas, bem como, entender se a construção do discurso narrativo das crianças pequenas se dá pela interação com o outro, tendo os gestos como elementos intrínsecos do processo narrativo.

Diante das observações acerca da dinâmica utilizada por Brandão (2015), é que em algumas narrativas precisou mais da interação da pesquisadora e em outras não, e que embora as narrativas tenham se apresentado de maneiras diferentes, todas elas estavam relatando sobre o mesmo eixo: O Lobo mau e a sua ação.

Conforme diz Brandão (2015, p.97), “Os contos de fadas são histórias que permitiram e permitirão sempre as mais inusitadas viagens pelo mundo imaginário”, dessa forma, em relação a análise das narrativas, as pesquisadoras consideraram a história da Chapeuzinho Vermelho, uma vez que as crianças, em sua maioria, mostraram mais interesse por essa.

De acordo com Girardello (2003):

A narrativa chega cedo à vida da criança, já em seus primeiros dias de vida. Chega através do padrão musical regular dos acalantos, que, como histórias, se abrem e fecham nitidamente, contendo em si um mundo particular. Chega através das letras das cantigas que tantas vezes contam histórias, como O Cravo brigou com a Rosa... e Atirei o Pau no Gato [...]. Chegam através das canções que marcam a infância e a juventude da mãe e do pai que a embalam no colo, selecionadas de um arquivo pessoal de favoritas aprendidas também no rádio e na TV. [...] E a narrativa chega através da conversa do adulto que conta ao bebê o que fez e aconteceu, familiarizando-o com os ritmos do relato e com o que eles significam (Girardello, 2003 apud Brandão, 2015, p.1).

Segundo Brandão (2015, p.194), a criança, desde pequena, aqui evidenciado a partir de dois anos, dois meses e dezoito dias (2;2.18), já se constitui enquanto narradora, possuindo assim competência narrativa e que os gestos e fala se unem para sustentar a sua narrativa, tornando-a criativa. Dessa forma, concordamos com Friedmann (2020, p.13), quando diz que “é necessário reconhecê-las como atores sociais, apontando a pluralidade de suas culturas e linguagens.”

Na segunda pesquisa, intitulada por “Narrativas infantis e processo formativo: estudo sobre as significações de crianças sobre suas experiências na educação infantil”, Coelho (2016) traz narrativas de crianças cujo objetivo geral é compreender os processos de significação da vivência educacional das crianças, mediante a produção de suas narrativas. Diante desse objetivo, a autora traz como questão norteadora para a sua dissertação: “Quais significados/ressignificações podemos perceber nas narrativas das crianças de uma turma de faixa etária de

idade entre quatro e cinco anos sobre o processo educativo vivenciados em uma Unidade Pública de Educação Infantil em Rondonópolis-MT?”.

Conforme esse questionamento, a sua pesquisa de dissertação, oriunda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, e traz um olhar voltado às Narrativas Infantis como fonte de conhecimento e caminho investigativo, para a compreensão de experiências das crianças no contexto da Educação Infantil. Participaram da pesquisa crianças da faixa etária entre quatro e cinco anos e foi realizada em uma unidade pública de Educação Infantil, situada na cidade de Rondonópolis-MT.

Em relação à metodologia, a pesquisa tem base qualitativa, do tipo Pesquisa Narrativa. Conforme os autores Mariani e Mattos (2012, p. 663) observam que “Partindo da compreensão de experiência como histórias vividas e narradas, a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis”. Portanto, segundo Coelho (2016), para a realização da sua pesquisa, só teria sentido para realizar essas buscas explorando narrativamente as experiências de vida, as pessoas e seus lugares.

Os procedimentos de coleta de dados utilizados pela pesquisadora foram: fotografias, filmagens e registros em forma de textos, registrados no caderno de campo sobre a observação das interações das crianças e a prática da educadora. Todos esses procedimentos foram de grande importância para trazer singularidades de cada criança. A pesquisa de campo foi realizada no transcorrer do segundo semestre do ano de 2014.

De acordo com Coelho (2016), o desejo por essa temática surgiu a partir de um conjunto de processos formativos que ela teve vivência, primeiramente a sua formação em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso, bem como, a oportunidade que a mesma teve de atuar como educadora, na Educação Infantil, durante quatro anos. Logo após, se tornou a Coordenadora Pedagógica da rede estadual em Cuiabá, onde pôde buscar estudos respeitantes à infância e à criança, ampliando assim as suas experiências com crianças.

Outro ponto que merece destaque em relação ao desejo por essa temática, conforme Coelho (2016) “é a importância dos estudos teórico-metodológicos voltados às narrativas a englobarem a compreensão das experiências que, nesse momento, passam a ser a minha principal ferramenta para trilhar o pensamento infantil”, afirmação essa, que teve apoio e orientação da sua professora orientadora do mestrado.

No tocante às narrativas infantis, a autora da dissertação destaca a relevância desta pesquisa ao propor dar visibilidade às Narrativas Infantis, entendendo-as como fonte de acesso e compreensão ao pensamento infantil. Para Delory-Momberger (2008, p. 35): “O ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias. Antes de contar essas histórias para comunicá-las aos outros, o que ele vive só se torna sua vida e ele só se torna ele mesmo por meio de figurações com as quais representa sua existência”.

Em relação a importância das narrativas infantis, Coelho (2016) traz a seguinte afirmação:

O diálogo que permeou todo o texto, trouxe-nos, enquanto pesquisadora, um retrospecto para as minhas experiências e a relação dos sentidos encontrados nos lugares vivenciados pelos participantes de pesquisa. Procurei documentar com respeito, curiosidade e solidariedade os dados recolhidos (Coelho, 2016. p. 94)

Em relação à análise dos dados, a autora traz uma importante reflexão no que diz respeito a parar e observar os significados/ressignificações das narrativas das crianças, fazendo com que elas pudessem refletir sobre o brincar infantil, bem como, compreender que as crianças interagem de acordo com as suas vivências e percepções de sua realidade, muito embora algumas tivessem limitações em relação ao ambiente, sendo importante destacar que elas sempre se adaptavam a cada situação que surgisse.

Em relação aos resultados da pesquisa, Coelho (2016) destacou sobre a importância das vozes das crianças, que por um bom tempo foi silenciada, bem como trouxe alguns apontamentos que defende:

- 1) Infâncias que tenham possibilidades de externar seus anseios, suas invenções, deixar sua marca;
- 2) Que possam ser ouvidas e compreendidas, nas quais as crianças significam e constroem sentidos sobre suas vivências no contexto da

Educação Infantil;

- 2) Por fim, por uma profissionalidade docente voltada para a pessoa do professor, que contribua para a possibilidade de (re)pensar o trabalho docente como um processo coletivo de reflexão e de análise. (Coelho, 2016. p.94)

Partindo desse pressuposto, compreendemos que a infância não responde mais a conceitualizações fechadas, estáticas e inflexíveis. Mas, apresenta-se a cada momento de análise contemporânea com mais complexidade, buscando um entendimento que produzam tantas outras formas frutíferas de conceber a criança e o tempo-espaço de sua constituição.

Quadro 2: Descritor: Infância de crianças pequenas.

Título	Autor e ano	Tipo de Trabalho e Programa de Pós-graduação/IES	Objetivos
A infância das crianças pequenas no contexto de acolhimento institucional: narrativas de meninas e meninos na casa(lar)	NAZARIO Roseli, 2014	Tese / Programa de Pós Graduação em Educação/ Universidade Federal de Santa Catarina	Analisar as experiências das crianças inseridas em programas de acolhimento institucional, a partir de um exame da realidade vivida por elas próprias no contexto de uma casa lar.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

No terceiro e último estudo analisado, agora de acordo com o descritor “Infâncias de crianças pequenas”, cujo título da tese é “A infância das crianças pequenas no contexto de acolhimento institucional: narrativas de meninas e meninos na casa(lar)”, Nazario (2014) realizou um estudo etnográfico, onde a questão norteadora foi: “como as crianças de 0 a 6 anos experienciam suas infâncias no contexto de um programa de acolhimento institucional?”.

A partir dessa problemática, Nazario (2014) traz como objetivo de sua pesquisa analisar as experiências das crianças inseridas em programas de acolhimento institucional, a partir de um exame da realidade vivida por elas próprias no contexto de uma casa lar. Para a realização da pesquisa elegeu-se as crianças como principais informantes, onde o processo de geração de dados aconteceu ao longo de catorze meses, com aproximadamente 800 horas de presença no campo, em que as anotações escritas e as filmagens ou fotografias foram extremamente importantes para aproximar a autora das narrativas infantis.

Segundo Nazario (2014, p.54),

pensar a infância como uma construção social significa, a meu ver, não só considerar as circunstâncias culturais e sociais que a tangenciam, mas efetivamente considerar que estas circunstâncias constroem os significados do que é infância em determinado contexto, momento e lugar.

De acordo com a citação acima, fica evidente que se precisa entender que existem múltiplos conceitos de infância, dessa forma, é importante que sejam feitos estudos sobre quais são e como se construíram as diferentes concepções de infância em nossa sociedade. Na pesquisa aqui discutida, traz uma importante abordagem sobre a infância das crianças órfãs do Lar São Vicente de Paulo, crianças essas que variam de idade e tempo de acolhimento. Algumas crianças vão para a Casa(Lar) a partir de sete dias após o nascimento, como também maiores e já com um irmão(ã). No espaço, eles se sentem literalmente em casa, brincam, conversam e convivem.

Algumas das crianças estudam em uma escola próxima e fazem atividades de casa na Casa(Lar), onde a princípio existia uma pedagoga que era responsável por fazer a integração das crianças da Casa(Lar) no Centro de Educação Infantil, atuando, deste modo, em ambos os contextos. Era de sua responsabilidade

também ajudar as crianças que já haviam ingressado nos anos iniciais do Ensino Fundamental na realização das tarefas escolares. Ainda no ano de 2011 esta proposta sofreu alterações e uma nova profissional foi contratada pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis para atuação no CEI e na Casa(Lar), porém no ano seguinte esta contratação foi extinta.

Como resultado de pesquisa, conclui-se que as crianças em contextos de acolhimento institucional vivem em um lugar marcado por um tempo provisório, criam laços afetivos umas com as outras, criam essa responsabilidade do cuidar, se cuidar e ser cuidada desde cedo, brincam, socializam, aprendem, “tecendo formas singulares de solidariedades, (com) vivências e saberes”. (Nazario, 2014. p. 204)

Por fim, analisando os dados catalogados no material da BDTD, encontramos duas dissertações e uma tese, onde as dissertações abordavam as narrativas infantis e a tese, relatava sobre a infância das crianças pequenas. Tais pesquisas firmaram-se em:

- a) no período entre 2012 a 2021 foram produzidos 15 estudos abordando narrativas infantis e infância, considerando que somente duas foram de crianças inseridas no contexto escolar;
- b) a descrição dos estudos permitiu concluir que a sua grande maioria situa-se em estudos de professoras que atuam ou já atuaram na área da educação infantil, que levam em consideração, fundamentalmente, a criança como ser de direitos e ter a sua fala como ponto principal da pesquisa, bem como, pesquisar sobre as infâncias;
- c) a emergência de estudos que possibilitem nova relação entre a criança e o meio, partindo de uma perspectiva de que o protagonismo seja das crianças inseridas no contexto escolar, ao enunciar a composição de sentidos que elas constroem através de suas linguagens.

É de grande importância falarmos sobre infância e narrativas infantis, visto que, no que se refere às narrativas das crianças, conseguimos muitas vezes colher falas sinceras, amáveis e vivências que somente elas conseguem expressar. As crianças são seres puros e que sim, sabem se expressar da melhor forma quando se sentem à vontade.

Dessa forma, durante o processo da leitura das pesquisas selecionadas, foi possível perceber pontos interessantes, como por exemplo, que todas elas foram realizadas por mulheres e que a justificativa para a escolha do tema pesquisado aconteceu em razão de todas elas terem vivências como professora de Educação Infantil e principalmente paixão por escutar, sentir, dar vozes às crianças e pesquisar sobre essa fase da vida, que é a infância, como também, que são poucas as pesquisas que discutem a temática narrativas infantis e infância das crianças pequenas na última década.

Conclui-se, portanto, a partir dos dados aqui apresentados, a importância de se ter estudos em que as crianças sejam protagonistas, sujeitos de direitos e voz ativa, considerando-as o fator principal para narrar as suas vivências, como também, a construção referente às diversas concepções de infância e narrativas delas.

2.3 E o nós: documentos legais acerca da educação infantil

A concepção de infância sofreu alterações significativas de acordo com o seu contexto histórico. Em cada época predominam algumas ideias de como a criança se desenvolve, quais as suas habilidades, comportamentos e quais conhecimentos ela deve adquirir. Para entender todo esse processo, é preciso primeiro compreender todo o percurso histórico da Educação Infantil, perceber qual o papel da família, do Estado, das instituições, da sociedade e de todos os órgãos governamentais na educação das crianças.

Assinalamos primeiramente, o que nos assegura a Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu Artigo 1: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” e mais adiante no Artigo 6 afirma que: “Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei”. Emerge nessa declaração, o reconhecimento da criança como sujeito de direito, livre e de pessoa que é igualmente reconhecida perante a lei como qualquer outra.

Os mais importantes passos dados, nas últimas décadas, no tocante à educação infantil no Brasil, vieram a partir da publicação da atual Constituição Federal, em 1988, determinando a inclusão do reconhecimento da criança como sujeito de direito. O referido texto trouxe importantes avanços na área de Educação. De fato, através do Artigo 208, a Lei máxima do Estado reafirmou a responsabilidade do Estado com a educação das crianças desde o seu nascimento, a qual garantiu o atendimento em creches e pré-escolas, cabendo aos municípios a tarefa de ofertar e manter os programas de educação pré-escolar. Dentre as contribuições herdadas legalmente pela Constituição de 1988, destaca-se o direito da criança à educação.

Nos anos que se seguem, identifica-se um acentuado avanço das discussões em torno da importância da infância. Na década de 1990, vários documentos foram publicados salientando os direitos da criança, bem como as diretrizes pedagógicas para as instituições educacionais. Entre esses diplomas, destaca-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990. De acordo com o artigo 3º do referido estatuto, a criança deve ter assegurado os direitos fundamentais da pessoa humana, tendo acesso às possibilidades de desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade. Para Ferreira (2000), essa Lei representa mais do que um documento jurídico, ela confere à criança o direito de ser criança.

Na década de 1990, mais precisamente no ano de 1996, com a promulgação da LDB, a Educação Infantil surge de forma tímida enfocando sua natureza e finalidade em uma seção específica que também identifica os municípios como responsáveis por essa etapa. Em 1998, o MEC divulga outro documento de relevância para a educação que foi o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Esse documento apresenta referências e orientações pedagógicas que visam contribuir com a implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras (Brasil, 2002, v. 1, p. 13).

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil concebe a criança como:

todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais (Brasil, 1998, p. 21).

Conforme vimos analisando o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 13), os princípios norteadores de um currículo que atenda às especificidades de desenvolvimento biopsicossocial e histórico das crianças são:

- O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas;
- O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação, à interação e comunicação infantil;
- O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

No ano de 1999, o Conselho Nacional de Educação elaborou o DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil), documento que norteia todos os aspectos voltados para funcionamento das instituições de educação infantil em sua totalidade, é sugerido que as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação devam basear-se neste documento para elaborar suas propostas pedagógicas.

Dispomos atualmente de uma infinidade de documentos regulatórios da Educação Infantil, dentre os quais destacamos os principais: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996); Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998); Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2010); e, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), os quais seguem subsidiados pelos

pressupostos que estabelecem os princípios norteadores, as concepções, as formas de atuação, etc. Dessa forma, é importante destacar o papel da escola para as crianças, justificando o fato de que esta:

[...] não nascera inicialmente para as crianças, tornou-se um espaço privilegiado de sociabilidade infantil e de preparação para o novo mundo que surgia. A família foi perpassada por mudanças profundas que alteraram o lugar da criança, retirando-a da periferia e levando-a para o centro das suas preocupações. O crescimento exponencial da indústria cultural e de serviços, voltado para o público infantil, provocou a invasão do cotidiano das crianças e os procedimentos de controle foram sendo refinados por meio da produção científica, da fundação de órgãos, instituições e legislações nacionais e internacionais que tomaram a criança como foco (Lima; Moreira; Lima, 2014, p. 99).

Segundo Cruz (2005), falta empenho nas discussões e na reflexão das DCNEI'S, comprometendo assim o entendimento dos princípios, fundamentos e procedimentos que conduzem “a organização, a articulação, o desenvolvimento e a avaliação das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil” (CRUZ, 2005, p. 147). Portanto, mudanças significativas aconteceram nas leis da educação brasileira a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/96) e essas transformações foram assistidas na criação de muitos instrumentos legais que passaram a fazer parte do sistema educacional, surgindo assim novas posturas por parte dos agentes educativos.

Dentre os ganhos relacionados aos marcos legais resultantes da LDBEN de 1996 emergem, no contexto das políticas educacionais para a infância, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que concebe a **criança** como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, **constrói sua identidade** pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e **constrói sentidos** sobre a natureza e a sociedade, **produzindo cultura** (Brasil, 2010, p. 12).

Dessa forma, diante do reconhecimento da criança como **sujeito histórico** e de **direitos, construtor de identidade, produtor de sentidos e de cultura**, tornamos essas categorias como aspectos principais que estão sendo abordados na sequência didática da pesquisa. Conforme constam nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil em relação aos desafios que se apresentam no contexto das práticas e das instituições em relação ao atendimento a crianças pequenas, havemos de seguir o ideal de um trabalho que “integre os aspectos

físicos, cognitivos, linguísticos, afetivos e sociais da criança entendendo que ela é um ser indivisível” (Brasil, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, CEB nº 1, artigo 3º, parágrafo III, Brasília, 1999).

A criança emerge, então, não só como sujeito de direitos, mas como sujeito social de direitos, consequência da consciência que temos hoje das individualidades da infância, até porque, historicamente, as mais diversas abordagens teóricas partem significativamente da invisibilidade da criança como sujeito e, conseqüentemente, de suas particularidades. Ao analisar os principais teóricos que discutem o modelo epistemológico que instituiu a infância, somos impulsionados a dialogar sobre a imagem social da criança que até hoje reverbera através dos discursos sobre a vida desses sujeitos e das várias infâncias que vivem. Nesse ponto de vista, Larrosa defende (2010, p. 184), que a infância

Não é outra coisa senão o objeto de estudo de um conjunto de saberes mais ou menos científicos, a coisa apreendida por um conjunto de ações mais ou menos tecnicamente controladas e eficazes, ou a usuária de um conjunto de instituições mais ou menos adaptadas às suas necessidades, às suas características ou às suas demandas.

Destacamos também que, embora existam leis que tragam a criança como ser de direitos, ainda temos muitas situações em que a primeira infância é desvalorizada e vulnerável ao risco. Conforme a afirmação de Friedmann (2020, p.22),

Quais são os “essenciais” da infância? Poderemos, talvez, descobri-los por meio dos sonhos das crianças, das suas emoções, das falas dos seus corpos, dos seus desejos, das suas resistências, das suas potências, dos seus particulares e únicas formas expressivas, das suas tendências, dos seus temperamentos, dos seus valores. O segredo está em aprender a escutar e a ler essas “falas”. Mas só se as crianças nos derem licença...

Reconhecer a criança como um agente social vai além de simplesmente dar-lhe voz, discuti-la em universidades, em programas de formação de professores, rotulá-la como cidadã ou tratá-la bem pelos adultos. A Sociologia da Infância explora adequadamente essa questão de valorizar a participação das crianças em assuntos que abrangem a sociedade, da qual elas também são integrantes. Diante dessa questão, Pinto e Sarmiento (1997), afirmam que:

A consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção

simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas (Pinto e Sarmento, 1997, p. 06).

No que se refere às especificidades do papel do adulto no contexto atual, passamos a explorar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que emerge na atualidade destacando especial atenção para a educação básica brasileira. No que se refere à Educação Infantil, de acordo com os eixos estruturantes ligados às interações e brincadeiras, devem ser assegurados seis direitos fundamentais no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, que são eles: **conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se**. Assim, assegurados esses direitos, as crianças possivelmente mobilizam cinco campos de experiências: 1 - o eu, o outro e o nós; 2 - corpo, gestos e movimentos; 3 - traços, sons, cores e formas; 4 - escuta, fala, pensamento e imaginação; e, 5 - espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

A concepção de criança abordada neste documento, assegura a imagem de criança como sujeito ativo, apresentando-a como um ser que tem curiosidades e que tem necessidade de construir seus próprios repertórios a partir das suas interações. O processo de aprendizagem e desenvolvimento dessas crianças acontece a partir da intencionalidade educativa presente nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, fazendo com que os educadores proporcionem experiências enriquecedoras para a criança de modo que ela possa conhecer a si mesma e ao outro, compreender as próprias relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica (Brasil, 2017). Para Dal Soto (2013, p. 24616),

A instituição de Educação Infantil é um espaço de criação das culturas infantis, a criança é protagonista nesse sistema de relações e trocas com os demais sujeitos, que as possibilita viver experiências ricas e diversificadas em interação com a realidade social, cultural e natural.

Dessa forma, é necessário oportunizar às crianças vivências significativas em que possam desfrutar de um espaço aprendizagem e interação, que apresentem experiências ricas em socialização e principalmente que elas se sintam pertencentes aquele universo. Dal Soto (2013) sinaliza, portanto, que as crianças necessitam da interrupção das práticas pouco democráticas que existe nas escolas,

observadas nos gestos, ações, questionamentos, em seu dia a dia escolar, e sim buscar por esse protagonismo que é um direito delas.

3. TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS

A Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas (Brasil, 2017, p.41).

Salientamos como eixo norteador deste segundo capítulo, o campo de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) **“Traços, sons, cores e formas”**, pois, como já evidenciado pelo próprio nome, abordamos diversas linguagens e experiências, envolvendo os sons e escuta das crianças, bem como, aspectos importantes referentes à diversidade das infâncias.

Abordamos no subtópico **“Os sons das crianças. Quem são elas atualmente?”**, aspectos importantes referentes à diversidade das infâncias, pois o contexto histórico, social e cultural de cada criança reflete em suas vivências, tendo como eixo de investigação as suas falas. As atuais produções, que abordam como as crianças pequenas produzem suas culturas, colaboram para nossa reflexão acerca dos conceitos clássicos de criança, de infância e de socialização infantil. Nesse tópico utilizamos o conceito da *pedagogia da escuta* cunhado pelo pedagogo Loris Malaguzzi. Para abordar essa temática, também utilizaremos os estudos dos autores Kramer (1999, 2006), Sarmiento (2000, 2011), Ariès (1973) e Friedman (2020).

No que se refere aos **“Aspectos e as suas formas”**, utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa de natureza exploratória através de amostragem simples, pois concordamos com Bogdan e Biklen (1994) quando argumentam que a investigação qualitativa em educação apresenta várias formas e é conduzida em diferentes formatos, de acordo com as necessidades do pesquisador e do investigado. Em alusão ao tema central de nossa pesquisa, a criança é o sujeito a ser investigado e, dessa forma, precisamos observar de perto a nossa fonte de

estudo, conhecendo a criança e suas vivências escutando-a, percebendo-a através dos gestos e movimentos, entrando em contato com o seu universo social, cultural e histórico. Para tanto, é necessário fazer uso de metodologias que auxiliem nesse momento investigativo da pesquisa, dito isto, utilizamos como estratégia metodológica, o estudo de caso e o diário de campo, pois, assim, conseguimos nos aprofundar na realidade social de cada criança investigada bem como, detalhes de acontecimentos importantes no decorrer da pesquisa.

Por último, na seção **“Os cenários e traços da pesquisa”**, apresentamos alguns detalhes físicos e pedagógicos da escola que foi utilizada neste trabalho evidenciando alguns parâmetros de infraestrutura importantes para o processo de socialização e desenvolvimento das crianças. O espaço de pesquisa é uma escola particular de Mossoró, que é localizada no centro da cidade de Mossoró/RN, que funciona da Educação Infantil ao Ensino Médio, sendo o nosso foco a Educação Infantil.

3.1 Os sons das crianças, quem são elas atualmente?

A concepção da infância tem mudado ao longo dos séculos, refletindo as mudanças nas sociedades e culturas. A importância das falas das crianças varia de acordo com o contexto histórico e cultural em que estão inseridas. Em diferentes momentos da história, as crianças foram vistas de formas diversas: algumas vezes como seres inocentes e incapazes de compreender o mundo à sua volta, outras vezes como indivíduos capazes de ter voz e de participar da sociedade. De qualquer forma, é inegável que as falas das crianças têm valor, seja para a compreensão de suas vivências e percepções, seja para a promoção de mudanças sociais.

Segundo Philippe Ariès (1986), no século XV, as crianças eram vistas como pequenos adultos e participavam ativamente da vida social e econômica da comunidade. As crianças mesmo que na escola, estavam acostumadas a sempre imitarem o comportamento do adulto, conforme cita Ariès (1986, p. 230)

De modo geral, a transmissão do conhecimento de uma geração a outra era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos. Assim se explica essa mistura de crianças e adultos que tantas vezes observamos ao longo deste estudo, até mesmo nas classes dos colégios,

onde seria de esperar, ao contrário, uma distribuição mais homogênea das idades.

No século XVII, com o desenvolvimento do pensamento iluminista, a infância começou a ser vista como uma fase de inocência e pureza, e os adultos passaram a ter a responsabilidade de educar e proteger as crianças, a família concentrou-se em torno da criança, conforme cita Ariès (1986, p.232),

“Esta não ficou porém desde o início junto com seus pais: deixava-os para ir a uma escola distante, embora no século XVII se discutissem as vantagens de se mandar a criança para o colégio e muitos defendessem a maior eficácia de uma educação em casa, com um preceptor”.

Embora já tivessem crianças estudando em escolas, essa educação escolar não foi totalmente aceita e disseminada, pelo contrário, havia muitas crianças que ainda continuaram sendo educadas através das antigas práticas de ensino, como por exemplo, as meninas, que quando não levadas às escolas pequenas ou conventos, a maioria ficava na casa de vizinhos ou em casa, que segundo Ariès (1986, p. 233), “a extensão da escolaridade às meninas não se difundiria antes do século XVIII e início do XIX”.

No século XIX, a industrialização e a urbanização levaram ao surgimento de uma nova concepção de infância, em que as crianças eram vistas como frágeis e vulneráveis e precisavam de proteção e cuidado especial. A partir do século XX, surgiram novas visões sobre a infância, incluindo a ideia de que as crianças têm direitos e devem ser tratadas como sujeitos de direitos.

Dessa forma, ao longo do século XX, houve uma crescente valorização da infância como um período importante do desenvolvimento humano. Com o surgimento de novas teorias psicológicas e pedagógicas, passou-se a compreender a criança como um ser ativo, capaz de construir conhecimentos e de se expressar de maneira autêntica. Nesse contexto, a fala das crianças ganha destaque como um meio de se compreender suas vivências e suas perspectivas. A escuta atenta das crianças pode auxiliar na identificação de problemas sociais e na promoção de políticas públicas que atendam às suas necessidades.

A tabela abaixo foi realizada com base nas ideias apresentadas por Philippe Ariès em seu livro "História Social da Criança e da Família", no qual o autor aborda as mudanças na concepção de infância ao longo dos séculos. As

informações foram organizadas em uma tabela para facilitar a visualização e compreensão das diferentes características atribuídas à infância em cada período histórico, conforme está explanado:

Quadro 3 – Cronologia das concepções da infância

Período Histórico	Concepção da Infância
Idade Média	A infância era vista como um período de menor importância, onde as crianças eram tratadas como miniadultos.
Renascimento	Criança como objeto de cuidados e proteção, mas ainda não reconhecida como um ser em desenvolvimento.
Século XVII	Início da valorização da infância como fase importante da vida, mas ainda vista como um adulto em miniatura.
Século XVIII	Aparecimento de ideias sobre a necessidade de um tratamento específico para a infância e família preocupando-se com a saúde física e higiene das crianças.
Século XIX	Emergência da concepção de infância como uma fase distinta, com necessidades próprias, e a consequente criação de instituições específicas.
Século XX	Criança como sujeito de direitos, reconhecimento da importância do brincar e da educação infantil como um direito e necessidade básica.

Fonte: Elaborado pela autora baseando-se nas discussões da obra "História Social da Criança e da Família" de Philippe Ariès (2023).

Esse percurso da infância mencionado acima, sugere uma reflexão que nos leva a compreender a importância conferida a eles, em uma sociedade que por séculos se concentrou exclusivamente nos adultos e agora começa a reconhecer a criança como possibilidade de avanço enquanto ator social, ser pensante e criativo.

Nesse sentido, a infância deve ser compreendida como uma construção sociocultural, presente em todas as comunidades não apenas como uma fase passageira, mas sim como uma categoria permanente que jamais desaparece das sociedades, sendo universalmente presente (Corsaro, 2011). Todavia, se diferem de acordo com o espaço e tempo social. Assim,

A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, é um grupo social de sujeitos activos, que interpretam e agem no mundo. Nessa acção estruturam e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância (Sarmiento, 2007, p. 36).

No que diz respeito as crianças de atualmente, as autoras Kramer e Friedman, destacam que as crianças de hoje são diferentes das de outras gerações, em virtude de diversos fatores. Uma das principais mudanças é que as crianças de hoje crescem em uma sociedade altamente tecnológica, em que a internet, os jogos eletrônicos e os smartphones são cada vez mais presentes em seu cotidiano. Segundo Friedman,

O uso cada vez mais precoce de novas tecnologias na infância, principalmente de computadores, tem gerado profundas mudanças no modo como as crianças pensam, sentem e interagem com o mundo (Friedmann, 2010, p. 27).

Conforme nos diz Friedmann, “as crianças de hoje movimentam-se muito menos do que deveriam, carecem de espaços para os corpos se expressarem, caminham na contramão de um desenvolvimento corporal e emocional equilibrado” (Friedman, 2020, p.49). Além disso, as crianças de hoje são mais diversas e complexas, refletindo as mudanças sociais, culturais e econômicas das últimas décadas.

A diversidade das infâncias refere-se às múltiplas formas como as crianças vivem e experienciam o mundo, influenciadas pelo contexto histórico, social e cultural em que estão inseridas. A compreensão da diversidade das

infâncias é fundamental para garantir que as necessidades e vivências de todas as crianças sejam consideradas. As falas das crianças são um eixo importante de investigação, pois permitem compreender como elas percebem e vivenciam o mundo, e como isso é influenciado pelo seu contexto. Dessa forma, é possível valorizar e respeitar a diversidade das infâncias, promovendo o desenvolvimento integral e o bem-estar de todas as crianças.

É preciso reconhecermos, tal como Araújo (2009), criança como sujeito sempre presente na trajetória da humanidade, assim como a defesa de que sua instrução é fundamental na formação da convivência social. Esse projeto é parte fundamental para ponderarmos sobre a formação de sua identidade cultural e biológica, permeando nossa concepção daquilo que seria nossa obrigação enquanto professores: compreender exatamente a que grupo estamos nos dirigindo, suas habilidades e restrições, seus ritmos e padrões, todo o universo a que pertencem, para que estejamos comprometidos com a responsabilidade de zelar por suas aprendizagens. Outrossim,

conceber a criança como ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem, que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas, que ocupa um espaço que não é só geográfico, mas que também dá valor, ou seja, ela é valorizada de acordo com os padrões de seu contexto familiar e de acordo com sua própria inserção nesse contexto (Kramer, 1986, p. 79).

No que diz respeito a escuta das crianças, vamos dialogar cunhado pelo pedagogo italiano Loris Malaguzzi, que foi um dos fundadores do movimento de Educação Infantil, conhecido como abordagem Reggio Emilia, através do conceito da pedagogia da escuta. Para Malaguzzi, a escuta é uma prática fundamental na educação, pois permite que se compreenda as necessidades, vivências e perspectivas das crianças. A pedagogia da escuta é, portanto, uma forma de valorizar a criança como ser ativo e capaz de construir seu próprio conhecimento. Para Malaguzzi (1998),

A fala é uma das muitas linguagens da criança, e é através dela que ela se expressa, se comunica e constrói conhecimento. É importante que os adultos estejam atentos e valorizem a fala das crianças, para que elas se sintam ouvidas e respeitadas em suas vivências (Malaguzzi, 1998, p.43).

A escuta envolve não apenas o ato de ouvir o que as crianças têm a dizer, mas também de compreender suas expressões, gestos e atitudes. Através da escuta, pode-se identificar as necessidades e interesses das crianças, e assim planejar atividades e projetos que estejam em sintonia com suas vivências. Além disso, a escuta também permite que as crianças sejam ouvidas e valorizadas em suas experiências, o que é fundamental para a construção da autoestima e da confiança.

As falas das crianças são de extrema importância para a compreensão de seu universo e para a construção de uma educação mais democrática. Atualmente, as crianças são vistas como sujeitos de direitos, capazes de expressar suas opiniões e visões de mundo. Elas são reconhecidas como protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem e, por isso, suas falas devem ser valorizadas e ouvidas por todas as pessoas que convivem com elas. Além disso, a escuta atenta das crianças possibilita a construção de um ambiente mais acolhedor e seguro, contribuindo para o seu desenvolvimento integral.

Na prática, escutar as crianças implica em criar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde as crianças se sintam seguras e confiantes para se expressar onde quer que estejam. Os adultos, bem como os próprios educadores, devem estar abertos e disponíveis para ouvir as crianças, e utilizar diferentes estratégias de escuta, como rodas de conversa, perguntas sobre o seu dia a dia, o que gosta de fazer, a sua opinião sobre o que está sendo conversado ou vivenciado, entre outras. É importante ressaltar que a escuta das crianças é uma postura ética e política, que valoriza a diversidade e a participação das crianças na construção do conhecimento. De acordo com Malaguzzi (1998, p.17),

As crianças têm cem linguagens (e depois cem cem cem), mas nos roubam noventa e nove. A escola e a cultura separam a cabeça do corpo e a criança cresce sem o corpo e sem as asas. A falta de contato físico com a realidade faz com que a criança não perceba a complexidade das coisas e não as aprecie.

Dessa forma, destacamos a importância da valorização da diversidade de expressões e linguagens das crianças, pois, as crianças possuem inúmeras formas de se expressar e comunicar, seja através da fala, do movimento, da arte,

da música, entre outras. No entanto, muitas vezes, a escola e a cultura acabam limitando e reprimindo essas linguagens, ao enfatizar apenas uma forma de conhecimento e comunicação – a verbal. Assim, concordamos com Malaguzzi no que diz respeito a valorizar todas as linguagens da criança, para que ela possa crescer e se desenvolver de forma mais completa e integrada, sem deixar de lado as suas outras formas de expressão e comunicação. Isso implica em um olhar mais atento e sensível por parte dos adultos, que devem reconhecer e valorizar as múltiplas formas de conhecimento e aprendizagem das crianças.

É de grande importância valorizar a fala das crianças, tendo-a como um elemento fundamental para seu desenvolvimento e construção de identidade. Precisa-se valorizar os sons crianças como um processo de cuidado e estímulo ao seu desenvolvimento integral. Ao criar um ambiente acolhedor e receptivo às suas ideias e opiniões, as crianças são incentivadas a se expressar e a construir sua própria identidade, fortalecendo sua autoestima e suas habilidades sociais e cognitivas.

Sendo assim, ao refletir sobre a pedagogia da escuta de Loris Malaguzzi, bem como, o contexto histórico das crianças, podemos perceber como a valorização da fala das crianças é um elemento essencial para a construção de uma educação mais participativa. As crianças de hoje, assim como as de antigamente, possuem uma riqueza singular e única, que precisa ser reconhecida e respeitada, para que possam se desenvolver de forma plena e saudável. Nesse sentido, é fundamental que a sociedade esteja atenta às mudanças e desafios que afetam a infância, e que pesquisas e estudos continuem sendo realizados para que se possa compreender melhor a complexidade desse período crucial da vida.

3.2 Aspectos metodológicos e as suas formas

Considerando os propósitos que impulsionam esta investigação, dentro de um estudo focado na formação dos significados da infância revelados através das falas das crianças inseridas na última etapa da Educação Infantil, fundamentamos nos princípios da pesquisa de natureza qualitativa na área educacional, pois entendemos que é na esfera de um trabalho subjetivo realizado no ambiente

educacional, que envolve processos complexos, dinâmicos e interativos que mobilizamos os repertórios metodológicos que sejam capazes de lidar com as particularidades que uma investigação demanda.

Nesse contexto, a metodologia se manifesta como um dos elementos mais complexos e, conseqüentemente, mais significativos da trajetória investigativa de um determinado assunto, indo além da simples aplicação de técnicas (algo mecânico). Ela deve estar conectada a concepções teóricas e filosóficas da abordagem, integrando-se ao método, à realidade empírica e às reflexões sobre os eventos que cada indivíduo representa, no entanto, nada substitui a criatividade daquele que se propõe a realizá-la: "o pesquisador" (MINAYO, 2010).

O pesquisar se preocupa em desenvolver a pesquisa com os mais diversos significados, provenientes de uma realidade que não pode mensurar. Para tanto, a pesquisa acontece por meio de três etapas: a exploratória, o trabalho de campo, a análise e o tratamento do material empírico documental (Minayo, 1994). Na fase exploratória, o investigador busca aprofundamento teórico sobre a temática a ser abordada, a fim de compreender a perspectiva científica de outros pesquisadores; no próximo passo, ele parte para a coleta de dados no campo e, para isso, seleciona os métodos e técnicas que o auxiliam nessa busca. Na terceira e última etapa, os dados são analisados e é nesse aspecto que se busca o caráter revelador da pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa tem sido base para os mais variados estudos das ciências da educação, especialmente aqueles que abordam a história de vida, a história oral sejam elas de professores, crianças ou demais agentes educativos. Sendo assim, o caráter é flexível por ser um tipo de abordagem que está sempre engrandecendo a fala dos sujeitos, suas vivências e comportamentos. Ainda com relação ao exposto, Bogdan e Biklen (1994, p. 49) afirmam que "a abordagem qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo". Desse modo, adotamos este tipo de pesquisa porque

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja,

ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2002, p. 21-22).

De acordo com Minayo (1994, p. 18), “Toda investigação se inicia por um problema, com uma questão, com uma dúvida ou uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas que também podem demandar a criação de novos referenciais”. Desse modo, por meio de uma questão problemática, o investigador busca a intenção de compreender e analisar tal inquietação. No entanto, para isso, é necessário ter um conhecimento teórico prévio sobre o fenômeno a ser estudado, aprofundando-se cientificamente naquilo que deseja investigar.

Na pesquisa, também utilizamos a abordagem mosaico, visto que ela se encaixa de forma adequada a pesquisa com crianças, pois tem como princípio que a criança é uma comunicadora de todos os seus sentidos, bem como, um ser de direitos. De acordo com Clark (2001),

A abordagem Mosaico é um sistema multimétodo, que combina a metodologia tradicional da observação e entrevista com a introdução de ferramentas participativas, incluindo o uso de câmeras, passeios e mapeamento. Outras ferramentas como desenho e dramatização também podem ser acrescentadas. Cada ferramenta forma uma peça do Mosaico. No Estágio 2 essas peças são reunidas aos comentários de pais e profissionais para formar a base do diálogo, reflexão e interpretação. O Mosaico, que é feito, é uma forma de documentação, coconstruída pelas crianças e adultos (Clark, 2001, p. 334).

Em relação ao nosso estudo, vale ressaltar, que a criança é o sujeito a ser investigado, o ator principal e protagonista da investigação, dessa forma, “os pesquisadores usam os produtos de pesquisa das crianças (fotografias, desenhos etc.) para estimular a reflexão dos profissionais e de outros adultos e para criar um veículo seguro” (Melanie, 2019, p.113).

No que diz respeito a inserção das crianças na pesquisa, ainda é algo recente. Embora existam estudos que falem a respeito das crianças e infâncias, geralmente a pesquisa é realizada através do olhar do adulto sobre ela e não com a participação ativa das crianças em que a sua voz é evidenciada.

Nas últimas décadas têm crescido o número de pesquisas com crianças segundo os estudos de Filho (2011),

Podemos dizer que as crianças têm ocupado lugar de destaque nos estudos sobre a infância. Pesquisadores da área da educação infantil buscam uma compreensão cada vez mais abrangentes a respeito dessa faixa etária, lançando-se à prática de pesquisas que tenham como sujeito de preocupação a *própria criança*, o que possibilita conhecer a(s) infâncias(s) com base nos jeitos de ser criança (Filho, 2011, p. 81- 82).

Nesse sentido, o autor deixa claro que a forma efetiva de compreender a criança e sua infância é por meio do contato direto e da interação com elas mesmas, conhecendo e explorando seu mundo, sua cultura e, acima de tudo, permitindo que elas se expressem e sejam ouvidas. No entanto, esse processo não ocorre de maneira aleatória, mas exige metodologias cuidadosamente planejadas que nos permitam mergulhar em suas realidades sociais. Portanto, optamos por adotar o estudo de caso como estratégia metodológica de nossa pesquisa.

Dessa forma, “[...] o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos” (Yin, 2001, p. 21). Ou seja, essa estratégia de pesquisa é representada como uma investigação prática que busca compreender aspectos do contexto da vida real.

Assim sendo, esse tipo de estudo, permite que o pesquisador adentre na realidade social, descrevendo um caso concreto,

[...] o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores (Yin, 2001, p. 21).

No que diz respeito a visão abrangente citada pelo autor, significa compreender a fala das crianças sobre o mundo, bem como, a forma delas representarem a sua realidade. Nesse seguimento, para Bogdan e Bliklen (1994), o estudo de caso é definido como uma análise minuciosa de um contexto específico, utilizando uma metáfora do funil, em que o pesquisador, por meio de uma ampla gama de possibilidades, vai refinando as informações para chegar a uma delimitação do que será investigado, coletado e posteriormente analisado/interpretado.

Nesse estudo, o primeiro passo do pesquisador é buscar o local e os sujeitos que estarão presentes na pesquisa. Em seguida, analisar e avaliar os instrumentos que serão utilizados para uma coleta de dados precisa. O terceiro e último passo, é a coleta de dados, se reportando aos objetos de trabalho. Nessa pesquisa, as estratégias e planos, durante o processo, podem sofrer alterações se necessário, à medida que se aprofundam do tema (Bogdan e Biklen, 1994).

Figura 14 – Instrumentos da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Observando os indivíduos dessa pesquisa, no caso, as crianças, houve uma necessidade de realizar a inclusão do objeto lúdico para o desenvolvimento da pesquisa. Ao brincar, a criança constrói novas descobertas, desenvolve e melhora a sua personalidade, e enxerga o professor para uma condição de condutor. Afirma (Kishimoto, 1999, p. 36) que:

Se considerarmos que a criança pré-escolar aprende de modo intuitivo, adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações

sociais, o brinquedo desempenha um papel de relevância para desenvolvê-la.

Ao brincar, o indivíduo não passa apenas um tempo desenvolvendo uma atividade, ela consegue entender a aplicabilidade daquilo, pois brincar para a criança é uma ação do cotidiano, e essa ação permite que ela exercite as tomadas de decisões, expresse seus sentimentos e valores, ao mesmo tempo que abre a oportunidade para conhecimento de si próprio e de outros indivíduos. Nos jogos, nas brincadeiras, dentre outras atividades lúdicas, elas vão partilhando as emoções, em paralelo a construção da sua identidade e exploram o mundo dos objetos, das pessoas, da cultura, e com isso conseguem compreender o corpo, os sentidos, os movimentos e os vários tipos de linguagem (Kishimoto, 1999). Sendo assim, optamos por utilizar um objeto lúdico na pesquisa, que consiste em um robô de pelúcia, que no momento da apresentação, informamos para as crianças, através da contação de história, que ele habita em um planeta que não tem crianças e ele tem a curiosidade de compreender o que é infância/o que é ser criança. Na ocasião, conversamos, de forma lúdica com as crianças.

A instituição escolhida justificou-se em princípio pelo vínculo existente entre o pesquisador e sujeitos da pesquisa, que são constituídos por crianças pequenas³. Dessa forma, é importante que haja uma relação de confiança entre ambos, pois esse elo proporciona as crianças segurança ao falar e se expressar, facilitando a obtenção das respostas àquilo que se é proposto (Demartini, 2009). Sendo assim, a pesquisa transcorreu da seguinte forma:

No dia 04 de outubro de 2023, uma importante etapa do projeto foi iniciada com a apresentação da pesquisa às crianças da turma de infantil 5 B, no turno matutino. Nesse encontro, explicamos sobre a pesquisa. A turma em questão era composta por 12 crianças, distribuídos entre 4 meninos e 9 meninas, sendo que foi escolhido, de forma não exclusiva, apenas 9 crianças, sendo 5 meninas e 4 meninos. Para garantir a participação ética, nesse primeiro momento, foi explicado que as crianças deveriam assinar um termo de participação, além disso, foi

³ São crianças de 4anos a 5anos e 11meses, grupo da faixa etária de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

esclarecido que nós entraríamos em contato com os pais para obter a autorização formal para a participação das crianças na pesquisa. Essas medidas visavam assegurar a transparência, o consentimento e a integridade do processo de pesquisa. Dessa forma, no mesmo dia que apresentei a pesquisa para as crianças, recebi os pais de forma individual para a explicação da pesquisa e questionamento se eles aceitavam a participação do filho na pesquisa.

No segundo momento, apresentamos às crianças um boneco tecnológico, que é um robô de pelúcia, como uma estratégia para obter o máximo de informações possíveis. Este objeto lúdico, além de cativar a atenção dos pequenos, se apresentou como um ser único que não teve infância. O robô compartilhou sua história, revelando que habita um planeta que não existe crianças e nem brincadeiras. Ele expressou seu desejo de descobrir o que é ser criança por meio das falas e vivências das crianças da escola onde a pesquisa foi conduzida.

Os registros dessa experiência abrangem diversas formas, incluindo diário de campo, gravação dos relatos das crianças, fotos, vídeos e desenhos. Cada método foi escolhido cuidadosamente para capturar as diferentes dimensões da interação das crianças com o robô e suas percepções sobre a experiência.

Para finalizar, o Robô B12 enfatizou que gostou muito de passar esses dias com as crianças e que permanecerá como o mascote da turma até o final do ano letivo, contribuindo para a continuidade da pesquisa e fortalecendo a conexão entre as crianças e o curioso personagem robótico.

Utilizando as entrevistas como uma ferramenta, é preciso entender que a condução dessa captura de dados fará uma grande diferença no final do processo. Para que uma determinada entrevista atinja seus objetivos, é preciso que se atenha a sua preparação. Essa é uma etapa muito importante que requer do pesquisador tempo, e planejamento em relação aos objetivos que devem ser alcançados, de acordo com os entrevistados que foram escolhidos para tal (Oliveira et al., 2020, p. 04). Além disso, saber como vai perguntar, e qual resposta pode ser encontrada, é uma ótima maneira de conduzir esse momento. Segue um quadro explicativo a respeito dos momentos de coletas de dados realizados com as crianças:

Quadro 4: Coletas de dados

Datas	Entrevistas/Momentos
04/10	Conversa informal entre a pesquisadora e as crianças a respeito da pesquisa.
05/10	Conversa informal entre a pesquisadora e as crianças a respeito da pesquisa.
06/10	As crianças estavam se apresentando para o B12, bem como, estavam apresentando a sala e materiais para ele. As crianças responderam as seguintes perguntas: 1. Como gostaria de ser chamado na pesquisa? 2. Quantos anos você tem? 3. Qual filme ou desenho você mais gosta? 4. Qual a sua brincadeira favorita e o que você faz no seu tempo livre? 5. Qual a sua cor preferida?
10/10 a 13/10	Comemoração do Dia das Crianças na escola
23/10	Entrevista do B12 para as crianças, perguntando o que têm no coração de uma criança. Elas registraram através de desenho e fala.
13/11	Entrevista entre as crianças e o B12 sobre a vida dele. Local em que mora, o que come, o que gosta de fazer, dentre outras curiosidades.
14/11	Momento em que as crianças aguardavam com curiosidade as respostas do B12 a respeito da sua vida no planeta Tecnópolis, bem como, qual era o seu maior sonho.
16/11	O B12 convidou a todos a compartilharem seus sonhos, criando assim um espaço de diálogo e descobertas.

17/11	As crianças observaram as mãos do B12 e o questionaram se ele sabia desenhar. Nesse momento, pedi que eles os desenhassem com o B12 e ao mesmo tempo, o ensinassem a desenhar, sobre técnicas, materiais, pois assim, quem sabe, ele traria algum desenho dele.
21/11	Momento em que o B12 informou para as crianças que não sabia o que era infância e então, ele solicitou, que através do desenho e da expressão verbal, elas explicassem o que é ser criança.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

Para armazenamento das tarefas que foram realizadas, utilizaremos um diário de campo. Essa modalidade escrita funciona como, de fato, um diário onde o pesquisador de maneira descritiva demonstra as atividades que foram desenvolvidas ao longo da pesquisa. No diário se traz para o debate os conhecimentos e saberes dos(as) pesquisadores(as), propostas e ações, suas angústias, desejos, avanços e dificuldades (Pezzato & L'abbate, 2011).

3.3O robô: objeto transicional e a importância destes recursos para a oralidade e desenvolvimento infantil

A ludicidade desempenha um papel importante em pesquisas envolvendo crianças, e a introdução de elementos lúdicos, como por exemplo um robô de pelúcia, que foi utilizado nessa pesquisa como objeto transicional, emerge como uma estratégia eficaz e significativa. Ao incorporar o brincar como parte integrante da pesquisa, cria-se um ambiente propício para a expressão autêntica das crianças.

Em relação as mais diversas pesquisas, muitos são os métodos de pesquisas utilizados para envolver as crianças de forma integral em todo o processo, porém, o mais notável, de acordo com Clark e Moss:

é a abordagem Mosaico (Clark e Moss, 2001; 2005), que usa métodos participativos e visuais para reunir a construção de sentido de crianças e adultos com relação à sua experiência cotidiana de seu ambiente educacional.

O robô, nesse contexto, funciona como um objeto transicional, uma ponte entre o familiar e o desconhecido, proporcionando um espaço seguro para as crianças explorarem suas ideias, sentimentos e percepções. A ludicidade na pesquisa não somente promove a expressão, mas também estimula a participação ativa das crianças, conforme explica Bacelar (2009),

no estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena. Nessa perspectiva, não há separação entre esses elementos. A vivência se dá nos níveis corporal, emocional, mental e social, de forma integral e integrada. Esta experiência é própria de cada indivíduo, se processa interiormente e de forma peculiar em cada história pessoal (Bacelar, 2009, p. 25).

O brincar é a linguagem natural das crianças, e ao introduzir um elemento lúdico como o robô, por exemplo, cria-se uma dinâmica participativa que favorece a oralidade e o engajamento infantil. As interações com o robô se tornam uma forma envolvente de comunicação, onde as crianças se sentem à vontade para compartilhar suas experiências, opiniões e até mesmo fantasias. De acordo com Freud,

A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o “brincar” infantil do “fantasiar”. (Freud, 1908/1976, pp. 149-150, grifos nossos, apud Vorcaro e Lucero, p.25).

A citação acima, nos esclarece a relação entre o brincar e o fantasiar, então “a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios” (Freud, 1908/1976, p. 151, apud Vorcaro e Lucero, p.25)

O robô, como objeto transicional, age como um mediador na construção de pontes de compreensão entre as crianças e o contexto da pesquisa. Ele pode ser um catalisador para discussões significativas, impulsionando a oralidade à medida que as crianças compartilham suas percepções sobre a infância, suas preferências, medos e aspirações. A familiaridade do brincar, combinada com a novidade do robô, cria um espaço único onde as crianças se sentem capacitadas a expressar-se de

maneiras que podem não ser tão acessíveis em abordagens mais tradicionais. Concordamos com Olivier apud Bacelar, que,

[...] crianças sejam e vivam como criança; é ocupar-se do presente, porque o futuro dele decorre [...] reconhecer o lúdico é redescobrir a linguagem dos nossos desejos e conferir-lhes o mesmo lugar que tem a linguagem da razão; é redescobrir a corporeidade ao invés de dicotomizar o homem em corpo e alma (Olivier, 2003, p. 23-24, apud Bacelar, p. 28).

Além disso, a ludicidade promove um ambiente acolhedor e descontraído, fundamental para uma pesquisa eficaz com crianças. O robô se torna um parceiro de brincadeiras que, não impõe expectativas, não julga, permitindo que as crianças se expressem livremente, através das falas, desenhos, olhares, abraços... Isso é particularmente importante quando se considera todos os sentidos das crianças, pois elas se sentem mais confortáveis em compartilhar suas histórias e perspectivas em um ambiente onde se sentem seguras e compreendidas.

Em suma, a introdução da ludicidade, por meio do robô como objeto transicional, enriquece a pesquisa com crianças ao proporcionar um meio de interação e segurança em explorar a oralidade e incentivar o envolvimento infantil. Esse enfoque não apenas gera dados mais sinceros, mas também respeita a natureza única das infâncias, reconhecendo a importância do brincar como uma forma legítima de expressão e participação na construção do conhecimento, de acordo com as narrativas das crianças desta pesquisa.

3.4 Os cenários e traços da pesquisa

Para Tuan (1983), o cenário é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Dentro desse contexto, o cenário entra como o espaço físico onde essa pesquisa ocorre, dentro de um espaço geográfico estabelecido de acordo com os pré-requisitos necessários para a pesquisa em si.

O ambiente, o local e o cenário geográfico utilizado dentro do processo de aprendizagem é uma ferramenta que faz parte do ensino. Não como um educador solitário, mas como um fator que contribui para a aprendizagem, por isso o educador precisa se atentar ao ambiente. Segundo Horn (2004, p.15), “o olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de

aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica”.

O cenário que desencadeou nossa pesquisa está localizado em um bairro da zona central da cidade de Mossoró/RN, atendendo uma clientela de classe social média. A instituição funciona nos dois turnos, matutino e vespertino, da Educação ao Ensino Médio. Nesta pesquisa, trataremos apenas do segmento da educação Infantil, portanto, hoje temos dez turmas, sendo divididas em duas de infantil 1/2, duas de infantil 3, duas turmas de infantil 4 e quatro turmas de infantil 5. Dessa forma, as crianças matriculadas no segmento da Educação Infantil do Colégio apresentam uma faixa etária de 1 anos e 6 meses a 6 anos de idade.

O colégio em que a pesquisa foi realizada, nasceu em 15 de junho de 1978 a partir da iniciativa do casal Dorinha Burlamaqui e Alexandrino de Lima. Nessa época a escola chamava-se Instituto Pequeno Príncipe e funcionava em uma casa adaptada no bairro Nova Betânia, atuando inicialmente com o segmento da educação infantil. Diante da excelência do projeto educacional desenvolvido, a instituição consolidou-se como referência educacional em nossa cidade, atraindo assim um número maior de estudantes e famílias. Com a necessidade de ampliação, o então Instituto passou a funcionar na Rua Marechal Floriano, agora com instalações ainda mais amplas e estruturadas para oferecer o maior conforto aos seus estudantes. Em novembro de 1984, passou a atuar em todos os segmentos, sempre comprometido com o seu objetivo de uma formação integral, educando e trabalhando o conhecimento de forma inovadora, buscando sempre impulsionar seus estudantes a atitudes conscientes e éticas, ajudando-os a seguir seus sonhos e metas.

A escola é uma unidade privada e que no ano de 2023 consta 764 estudantes matriculados, sendo 166 na educação infantil, 252 no ensino fundamental anos iniciais, 217 no ensino fundamental anos finais e 133 no ensino médio. No que diz respeito às etapas da Educação Infantil, são 55 crianças em creche e 111 em pré escola.

No que diz respeito a proposta pedagógica, o CPP adota a proposta sociointeracionista, inspirada nas teorias do psicólogo Vygotsky. Nessa abordagem,

a criança é vista como um ser ativo, criativo e capaz de construir seu conhecimento a partir das interações sociais. Acreditamos⁴ que a aprendizagem se dá por meio das relações com os outros e com o ambiente, sendo os professores facilitadores desse processo. Valorizamos a autonomia e o protagonismo da criança em sua jornada educacional, incentivando o pensamento crítico, a expressão artística, a cooperação e a resolução de problemas.

Em 2008, a Secretaria de Educação Básica do MEC apresenta os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para as Instituições de Educação Infantil, o primeiro documento que trata exclusivamente das concepções, reformas e adaptações dos espaços onde se oferece a educação infantil. Esse documento foi elaborado por meio da parceria entre educadores, arquitetos e engenheiros que se preocupam com a reflexão, o planejamento e a construção dos espaços destinados à educação das crianças de 0 a 6 anos. Como o próprio documento ressalta, sua intenção é redimensionar a visão de espaço até então difundida. Em outras palavras,

Este trabalho, portanto, busca ampliar os diferentes olhares sobre o espaço, visando construir ambiente físico destinado à Educação Infantil, promotor de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e que facilite a interação criança-criança, criança-adulto e deles com o ambiente (Brasil, 2006a, p. 8)

O objetivo central desses parâmetros é que a instituição de educação infantil, seja construída, ou reformada, considerando-se desde a escolha de um ambiente propício para sua construção até a definição do seu perfil pedagógico, pois, diante das especificidades desse nível de escolaridade, é importante que se pense não só no conforto da estrutura física, apesar de este ser um requisito indispensável, mas em todos os equipamentos e instrumentos mobiliários, os quais terão influência significativa nas atividades pedagógicas que serão promovidas. Como o próprio documento ressalta, sua intenção é redimensionar a visão de espaço até então difundida.

⁴ Me incluo na escrita pelo fato de atuar na instituição e realmente concordar e acreditar nos princípios e valores da proposta e trabalho desenvolvido pela escola.

Além disso, esse documento especifica alguns parâmetros básicos que devem ser observados nos ambientes físicos que têm como principais usuários as crianças menores de 6 anos. Esses parâmetros foram elaborados com a finalidade de oferecer condições compatíveis com os requisitos definidos pelo PNE, bem como com os conceitos de sustentabilidade, acessibilidade universal e com a proposta pedagógica.

De acordo com Forneiro (1998), o reconhecimento do espaço como componente curricular passou por diferentes etapas de elaboração. Numa primeira etapa, o espaço era visto apenas como “o lugar onde se ensina”, uma variável dada, que não fazia parte do conjunto de variáveis que os professores tinham que manipular. Na segunda etapa, o espaço se converte em componente instrumental, em elemento facilitar, devendo ser alterado pelo educador de acordo com o trabalho que deseja realizar. Na terceira e última, ele passa a se constituir fator de aprendizagem, parte substantiva do projeto formativo, recurso educativo.

Os eixos e categorias de análise propostos pelo aludido documento são: contextuais-ambientais, funcional estético e técnico.

Os parâmetros contextuais-ambientais referem-se aos aspectos que devem ser considerados na seleção dos terrenos onde serão instaladas uma unidade de educação infantil. Nesse requisito devem ser observadas as condições do terreno, como as suas dimensões, forma e topografia, sua localização, o que está construído na sua proximidade, as possibilidades de acesso, o tráfego em seu entorno, a infraestrutura da região e os aspectos físico-climáticos e ambientais. Diante desse aspecto, os Parâmetros de infraestrutura discorrem:

A incorporação das condições naturais do terreno para promover a eficiência energética, por meio da ventilação natural, da iluminação natural e dos sistemas alternativos de geração de energia, fará do edifício escolar valioso instrumento para o processo pedagógico, valorizando uma consciência ecológica (Brasil, 2006, p. 24).

Portanto, é importante oferecer um ambiente natural onde as crianças possam sempre desfrutar da luz solar, do vento e da natureza em geral, para que elas possam interagir diretamente com o meio ambiente e assim vivenciar

esse espaço. No colégio, as crianças têm acesso ao parque, que é localizado em uma área aberta, a praça do saber, local onde são realizadas contações de histórias e projetos como ateliê de ideias e hora da novidade de baixo de um pé de mangueira, como também, uma localização com infraestrutura adequada.

Os parâmetros funcionais estéticos referem-se aos elementos visuais da edificação. Os aspectos funcionais incluem a organização espacial, a dimensão dos conjuntos funcionais, os acessos, os percursos, a segurança e a adequação do mobiliário. O parâmetro funcional estético aborda também a imagem e aparência do lugar, isto é, “a diversidade de cores, texturas e padrões das superfícies, o padrão construtivo, as formas, as proporções, os símbolos e os princípios compositivos” (Brasil, 2006a, p. 25).

É importante ressaltar que a área destinada à preparação e cozinha dos alimentos é estrategicamente separada para evitar possíveis acidentes. Além disso, o banheiro é de fácil acesso e está situado próximo às salas de atividades e áreas de recreação. Ele está projetado de forma adaptada para atender às necessidades das crianças, incluindo aquelas com deficiência. Dessa maneira, banheiros amplos, equipados com barras de apoio, pias e vasos sanitários acessíveis, estão disponíveis para proporcionar um ambiente seguro e inclusivo para todos.

A presença de áreas destinadas às brincadeiras é essencial para criar um ambiente projetado para que as crianças pequenas possam explorar, conviver e interagir. Esses espaços são fundamentais para promover o desenvolvimento infantil, proporcionando oportunidades de aprendizado através do lúdico e da interação com outras crianças. Segundo os parâmetros, “[...] as áreas de brincadeira deverão oferecer segurança, sem serem limitadoras das possibilidades de exploração do universo infantil”. (Brasil, 2006, p. 27).

A forma como o ambiente interno é estruturado está diretamente relacionada à concepção pedagógica adotada, que, no caso da escola que estamos realizando a pesquisa, é a sociointeracionista. Essa abordagem valoriza a interação da criança com o meio e os objetos como forma de desenvolver sua autonomia e independência. Para tanto, a escola dispõe de mobílias adequadas

e adaptadas, equipamentos leves e duradouros, bem como materiais facilmente acessíveis às crianças.

Outro aspecto importante na ambientação interna são as cores das paredes. Nas salas de aulas e espaços fechados, a escola utiliza pinturas harmoniosas com tonalidades mais claras, proporcionando um ambiente tranquilo e acolhedor. Já nas áreas de recreação, usa-se cores primárias, vivas e alegres, como por exemplo amarelo, trazendo assim um toque de agitação e diversão ao espaço. Essa combinação de elementos contribui para criar um ambiente estimulante e propício ao desenvolvimento e aprendizado das crianças, de acordo com a abordagem pedagógica sociointeracionista.

4. ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (Brasil, 2017, p.42).

No último capítulo, que é intitulado **“Escuta, fala, pensamento e imaginação”** (BNCC), abordamos a importância do protagonismo da criança, visto que, desde seu nascimento, já participam de situações de comunicação, sejam elas através de gestos, olhares, movimentos corporais, choro ou sorriso. Dessa forma, apresentamos o processo de pensamento e imaginação das crianças no decorrer de nossa narrativa, percebendo-as e ouvindo-as, considerando sua participação enquanto criança cidadã do hoje, temática essa que dialogamos à luz das autoras Kramer (1986) e Natália Fernandes (2009), levando em conta todas as suas formas de expressão, fosse através de seus relatos, desenhos ou qualquer outro tipo de comunicação que as fizesse sentir mais confortáveis e ouvidas.

No que diz respeito ao tópico **“Pensamento e imaginação. Quem são os protagonistas dessa pesquisa?”**, abordamos o protagonismo das crianças a partir de um olhar singular voltado exclusivamente a elas percebendo suas preferências, desejos e anseios, levando-as a compreender a importância de suas falas. Primeiramente, temos um momento de apresentação entre a pesquisadora,

as crianças e a professora da sala, criando, assim, um vínculo de familiaridade. No segundo momento, apresentamos o nosso objeto lúdico investigativo, o “Boneco Tecnológico” que faz alguns questionamentos para as crianças, como, por exemplo: “Quem é você?”, “O que mais gosta de fazer?”, “Como gostaria que o boneco tecnológico chamasse você?”, dentre outras perguntas importantes para nossa investigação e, principalmente, para transmitir um sentimento de acolhida, para que as crianças ficassem à vontade naquele momento de tantas indagações, além das demais necessidades.

No que se refere ao subtópico **“Escutas e falas das crianças sobre os sentidos das infâncias”**, apresentamos as narrativas das crianças que estão inseridas na pesquisa, em relação ao que elas compreendem no que concerne aos sentidos da infância, de acordo com os questionamentos e vivências que construímos ao longo deste trabalho. Entendemos que as crianças são seres pensantes, criativos, que criam, imitam, imaginam e, assim, são autores de sua própria existência.

4.1 Pensamento e imaginação. quem são os protagonistas dessa pesquisa?

Ao explorarmos o protagonismo das crianças, mergulhamos em um olhar singular dedicado exclusivamente a elas, buscando compreender suas preferências, desejos e anseios, e, acima de tudo, reconhecer a importância intrínseca de suas falas. Essa abordagem singular, dedicada a compreender as preferências, desejos e anseios das crianças, posiciona-as no epicentro da pesquisa, elevando suas vozes e perspectivas a um papel de destaque. Segundo (Fernandes, 2016, p. 763), é importante “que sustentem abordagens integradas de investigação que reconheçam, valorizem e explicitem as múltiplas formas em que a infância é socialmente construída e reconstruída”. O reconhecimento da cidadania das crianças, em todos os ambientes em que ela se encontra, é também abordado por Marchi:

[...] Disto se pode concluir, junto com os sociólogos da infância, que as crianças têm consciência dos seus sentimentos, ideias, desejos e expectativas e que são capazes de efetivamente expressá-los (haver

porém, alguém que os escute e leve em conta, já é outra coisa) [...] (2005, p. 20).

Dessa forma, é importante destacar, que se a criança é um ser de direitos, a Educação Infantil foi feita especificamente para ela, é mais do que adequado não apenas escutar suas vozes, mas também respeitá-las, reconhecendo plenamente sua capacidade de expressão em qualquer contexto em que ela se encontre. Sendo assim, a pesquisa foi realizada em uma turma de infantil 5, e no quadro abaixo, explanarei de forma mais objetiva o nome, idade e a turma das crianças pertencentes a pesquisa, visto que, mais em breve, teremos a apresentação das crianças de forma mais detalhada.

Quadro 05 – Protagonistas da pesquisa

Idade	Turma	Codinome
5 anos	Infantil 5	Bailarina
5 anos	Infantil 5	Homem Aranha
6 anos	Infantil 5	Pepita
5 anos	Infantil 5	SKY
6 anos	Infantil 5	Marshall
5 anos	Infantil 5	Mickey
5 anos	Infantil 5	Capitão América
6 anos	Infantil 5	L.SKY

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

Inicialmente, esse processo de pesquisa se desenha em um momento fundamental de apresentação entre a pesquisadora, as crianças e a professora da sala. Ao informar para as crianças que a nossa pesquisa teria um robô de pelúcia, logos fizeram os seguintes questionamentos:

Homem Aranha: Pelúcia? Pensei que era de verdade (dando gargalhadas).

Tia Gabi: Como vou trazer um de verdade?

Homem Aranha: Fácil! É só falar com um cientista que ele faz.

L.SKY: Ou então você pode pedir pra um adulto vestir uma roupa de robô e ele vem aqui visitar a gente. Mas nem me pergunte onde tem a roupa

porque eu não sei (gargalhadas com o amigo Homem Aranha).
(ENTREVISTA, 04 de outubro de 2023)

Essa interação inicial não apenas estabelece um vínculo de familiaridade, mas também semeia as bases para explorar a riqueza do pensamento e da imaginação das crianças. Concordamos com Friedmann (2013), quando ela traz como referência que a criança é um ser que se comunica. Diante disso, nós utilizamos um objeto lúdico, que é o nosso Robô B12 como forma das crianças se sentirem mais à vontade para os momentos da pesquisa. Ao informar que o Robô se chamava B12, o nosso colega Mickey disse *“B12 é o nome de um android”*.

De acordo com essas primeiras observações, explicamos de forma mais detalhada sobre a pesquisa, explicando para eles que nosso personagem B12 não sabia o que era infâncias, crianças, e gostaria muito que eles o ensinassem. A partir disso, pedimos que as crianças fizessem um desenho de si, utilizando a criatividade, bem como, escolhessem um nome para que o nosso Robô B12 pudesse chamá-las no decorrer da pesquisa, fazendo com que elas se sentissem mais pertencentes a essa vivência.

Na manhã de hoje, 04 de outubro de 2023, momento em que falei de forma mais explicativa com as crianças sobre a pesquisa, elas se mostraram entusiasmadas em participar. Trouxeram ideias, bem como, alegria e satisfação em cada fala. Quando perguntei se elas gostariam de participar a pesquisa, elas disseram que sim de forma imediata. Quando pedi para que as crianças assinassem o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), Pepita observou o símbolo da UERN e disse que *“a minha mãe trabalha na UERN, eu vou dizer pra ela que estou fazendo uma pesquisa do trabalho dela”*. Conforme os pais iam chegando para buscá-las, elas contavam sobre o dia, explicando cada detalhe do nosso momento. (Diário de campo, 04 de outubro, de 2023)

Após esse primeiro momento de conversa, combinei com as crianças que levaria o B12 para eles conhecerem na sexta-feira (06/10/23), que era o dia do brinquedo e assim fizemos. Quando cheguei com o B12, eles chegaram perto, observaram, pegaram e se mostraram tímidos e ainda querendo entender o que iria acontecer, mas logo perceberam um objeto laranja que estava próximo a ele e começaram a questionar:

Docinho: Nossa tia Gabi, o que é isso laranja vizinho ao B12?

L. Sky: Será que é uma peça dele?

Homem Aranha: Calma gente, deve ser a bateria.

Homem de ferro: Ah, então precisamos deixar ele sempre perto da bateria, se não ele vai descarregar. (ENTREVISTA, 06 de outubro de 2023)

A partir desse momento, sugeri que eles pegassem o B12 e fossem apresentar tudo que havia na sala, as cadeiras, livros, brinquedos, dentre outros objetos e assim fizeram. Foi um momento de muita diversão, interação e socialização.

Figura 15 – Encontro das crianças com o B12. Momento em que elas estavam apresentando oos brinquedos para ele – Mossoró, RN



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023)

Incorporar estímulos para incentivar a expressão verbal das crianças contribui para engajá-las e promover interações significativas com o que é proposto, incentivando sua participação ativa (Souza, 2011). Essa estratégia propiciou uma interação mais intensa com as crianças e com suas experiências, permitindo ao pesquisador estabelecer um ambiente espontâneo e genuíno no contexto da cultura infantil.

Posterior a esse momento de interação, sugerimos que as crianças se apresentassem para ele, como objetivo de que cada criança falasse sobre si, permitindo que dialoguem um pouco sobre os seus gostos, desejos, rotina, dentre outros aspectos importantes do seu dia a dia. Em meio a nossa roda de conversa, o Homem Aranha disse *“eu sou muito tecnológico e vou ajudar o robô”*. No momento

da entrevista, era o Robô B12 que fazia as perguntas e interagia com as crianças. Essa dinâmica de conversação aconteceu através de um aplicativo de celular⁵, que era possível transformar a minha voz em uma de robô. Em todos os momentos da pesquisa, utilizei os seguintes materiais: celular com o aplicativo, uma caixa de som pequena na cor laranja para uma melhor escuta das crianças e o urso de pelúcia, que é o Robô B12.

A partir desse primeiro diálogo entre as crianças e o B12, foi perceptível o quanto o objeto lúdico foi importante para a interação e socialização deles no que diz respeito a pesquisa. Dessa forma, iniciamos a entrevista, fazendo as seguintes perguntas:

1. Como gostaria de ser chamado na pesquisa?
2. Quantos anos você tem?
3. Qual filme ou desenho você mais gosta?
4. Qual a sua brincadeira favorita e o que você faz no seu tempo livre?
5. Qual a sua cor preferida?

⁵ O nome do aplicativo é voice Changer, ele é um gravador de voz e nele temos a opção de trocar a voz do humano para de um robô.

Quadro 06 – os sujeitos da pesquisa

**BAILARINA**

Meu nome é J. e sou uma bailarina em uma lanchonete tomando suco. Tenho 5 anos. Gosto do filme do SONIC. Gosto de brincar de pega pega, pintar animais, assistir. De tarde eu vou pra casa do meu primo brincar e depois assisto na TV. Gosta de assistir Lucas Neto. A minha cor preferida é colorido.

**HOMEM ARANHA**

O meu nome é I.L, quero ser chamada de Homem Aranha. Tenho 5 anos e gosto do filme SONIC 1 e 2. A minha brincadeira favorita é polícia e ladrão, eu sou o policial e meus amigos ladrão. Eu não tenho quase nada de tempo livre, ajudo a minha mãe lavando as louças e depois brinco. Eu brinco a tarde toda, de muitas coisas. Eu brinco na rua quando ta de dia, de bicicleta, sozinho, porque eu não tenho quase nenhum amigo, é só eu e Heitor e mais um amigo. Eu treino de noite e brinco dentro de casa também. Tenho duas cores preferidas, verde e marrom



PEPITA

Meu nome é C.S, e sou a Pepita. Tenho 6 anos e gosto do filme OS CROODS. A minha brincadeira favorita é brincar com a foquinha de pelúcia, Manu. Gosto de jogar no celular do papai, brinco no parquinho e jogo no celular, com um jogo que minha mãe não gosta porque faz barulho de pipoqueira. A minha cor preferida é dourada.



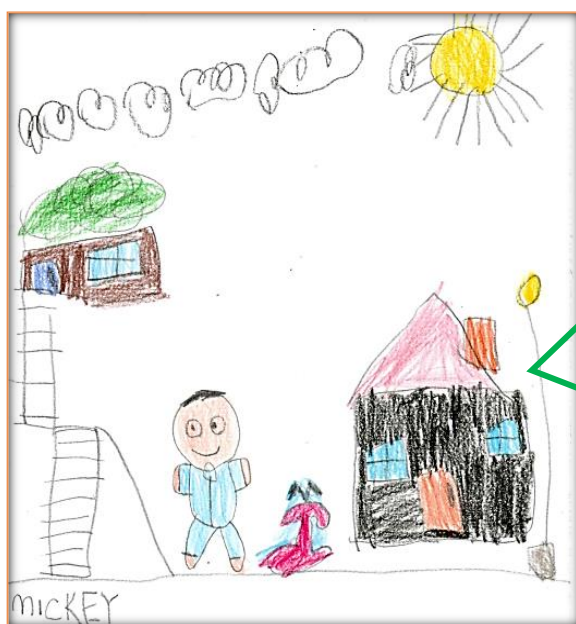
SKY

Meu nome é M.M e sou a SKY. Tenho 5 anos e gosto do filme SONIC 2. A minha brincadeira favorita é pega-pega. Eu gosto de brincar de tudo! No meu tempo livre brinco e assisto televisão, depois meu pai manda eu dormir.



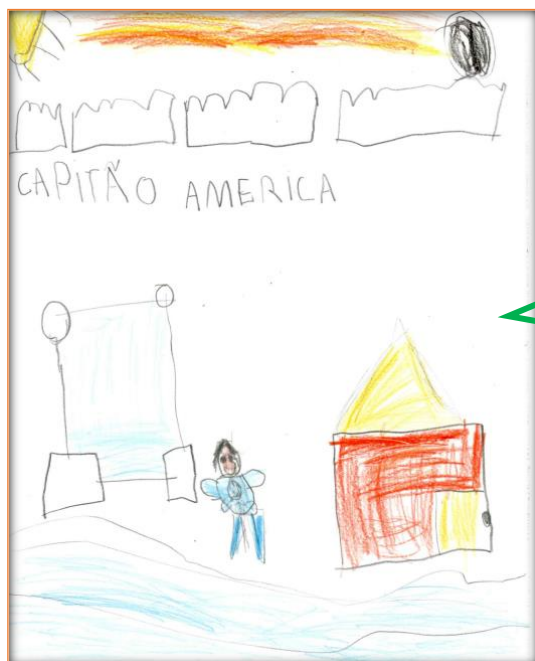
MARSHALL

Meu nome é L.H, e sou o Marshall. Tenho 6 anos e gosto do filme do SONIC 1. Gosto de brincar de bicicleta, hot wheels e ir pra praia. Eu durmo quando chego da escola e brinco de bicicleta. Os dias que treino futebol é segunda, quarta e sexta. A minha cor preferida é azul escuro.



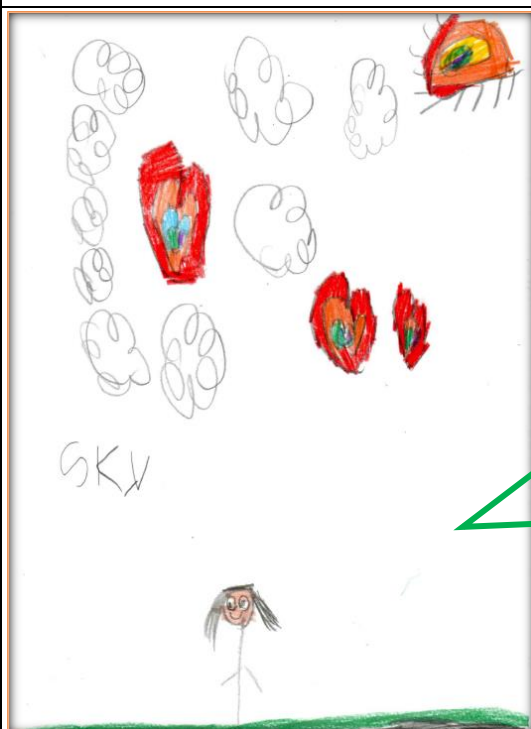
MICKEY

Meu nome é J.C e vou fazer um autorretrato. Tenho 5 anos e gosto do filme SONIC. A minha brincadeira favorita é esconde-esconde. Gosto de desenhar, assisti TV e gosto mais de vídeo game. Faço natação e brinco em casa e na casa da minha avó. Minha cor preferida é azul claro.



CAPITÃO AMÉRICA

Meu nome é H. e sou o capitão américa e gosto de futebol. Tenho 5 anos e gosto de brincar de pega pega, de desenhar várias coisas, carro. De tarde eu vou pro futebol, dia de segunda e quarta. A minha cor favorita é vermelha.



L. SKY

Meu nome é L. e sou a L.SKY. Tenho 6 anos e gosto de brincar de Barbie. Meu filme preferido é Sonic 1. pintar coisas da barbie no quadro e assisto na televisão, no quarto. Na televisão da sala minha mãe manda eu sair, pra Levi assistir lá. Eu não brinco muito porque é chato, porque quando minha irmã não tem compromisso, ela só fica no celular, aí quando eu não tenho o que fazer nada, eu assisto. A minha cor preferida é colorida.

A partir das expressões, desenhos e narrativas das crianças, torna-se evidente a espontaneidade que caracteriza suas palavras, revelando as experiências que vivenciam. Dessa forma, é possível conhecer a sua esfera social, percebendo as interações que se estabelecem com suas famílias, amigos e o meio ambiente natural.

“Quando defendo a importância de dar voz às crianças, sustento que elas estão permanentemente falando, dizendo, expressando, por inúmeros meios, seus sentimentos, percepções, emoções, momentos, pensamentos, mesmo sem consciência de fazê-lo” (Friedmann, 2013, p. 31). Portanto, ao considerar as crianças como genuínas autoras desse processo, procuramos reconhecê-las em sua totalidade, contemplando seus medos, preferências, desejos, e as características peculiares de seus gostos, cheiros e sabores.

4.2 Escutas e falas das crianças sobre os sentidos das infâncias

Para começo de conversa, o convite para falar sobre infâncias surgiu de mim, enquanto pedagoga que atua há seis anos como professora da Educação Infantil e coordenadora pedagógica. Entretanto, devo confessar que, ao longo desses momentos de pesquisa com as crianças, percebi que é a própria infância que me convida a reconsiderá-la e representá-la. Segundo Walter Omar (2010, p. 126):

Assim, a tarefa de escrever a infância extrapola o âmbito da língua, torna-se um ato político, uma afirmação política da igualdade e da diferença; a escrita torna-se uma manifestação de resistência a uma forma de relação conosco mesmos e com aquilo chamado de humanidade: assim, o desafio ao escrever a infância é deixar-se escrever por ela [...].

Dessa forma, escrever sobre a infância vai além da simples expressão em palavras. É importante reconhecer a infância como uma força ativa na construção de narrativas, transformando o ato de escrever em um diálogo fluido entre o escritor e o universo infantil.

Nesse contexto, novos conceitos surgem para se decifrar o que significa ser criança e experimentar uma infância. Refletir sobre a infância é explorar em todo o cenário histórico a construção de significados atribuídos a ela, que em diferentes períodos deixaram rastros de como foi e é compreendida. A descrição de infância a

qual decidimos abranger, nesse estudo, é a de infância como uma criação social, com fatores específicos que ultrapassam muito além de referir-se a ela meramente como uma categoria definida pela idade. Sarmiento (2013, p. 7) assim a define:

A infância, sendo uma categoria que se define pela idade, é, no entanto, muito mais do que um simples conceito criado para dar conta da totalidade das pessoas que ainda não perfizeram a idade convencional de 18 anos. Há fatores sociais específicos, isto é, transversais à posição de classe, ao gênero, à etnia ou à cultura, que permitem pensar a infância como uma construção social, que se distingue dos outros grupos e categorias sociais e que caracterizam como um 'grupo minoritário', isto é, com um status social inferior por relação com os grupos dominantes, e, portanto, com uma situação de exclusão da participação plena na vida social.

Estudos que se debruçam sobre a infância destacam a criança como protagonista ativa e construtora de conhecimento, reconhecendo-a como detentora de uma cultura singular. Direitos específicos foram direcionados a elas, incluindo o direito a uma formação integral durante a infância. A educação, considerada uma prática social universalizada e legitimada como um direito, desempenha um papel crucial na promoção de experiências culturais para as crianças e seus pares no contexto da Educação Infantil.

Nesse tocante, por meio da verbalização, da fotografia e do desenho, que representam as distintas linguagens das crianças, buscamos ouvi-las com o propósito de interpretar as suas expressões, bem como, “reconhecer a criança enquanto ator social e a sua competência para participar na pesquisa, estamos também a assistir a um crescente interesse à volta das questões éticas que envolvem a pesquisa (Fernandes, 2016, p. 775)

As reflexões decorrentes das análises dos dados coletados não apenas permitiram ampliar as discussões, mas também possibilitaram uma compreensão mais profunda das crianças e de suas experiências na infância. Diante desse contexto, no dia 06/10, enquanto as crianças estavam se apresentando para o B12 e eu já havia o apresentado para a turma, bem como, o objetivo da pesquisa, uma professora de outra turma entrou na sala e fez o seguinte comentário:

Professora: Que lindo o robô do Mundo Bitá!

Homem Aranha: Não tia, esse é o B12, robô da pesquisa de Tia Gabi.

A partir dessa narrativa, pode-se perceber o envolvimento das crianças com a pesquisa, como também, que elas são protagonistas, construtoras do saber e

donas de uma cultura própria. A partir dessa experiência, o B12 perguntou se poderia ficar na sala com eles para descobrir mais sobre o dia-a-dia deles, como por exemplo o que eles fazem durante a aula, sobre o que é brincar, ser criança e eles logo responderam que sim, e o Homem Aranha rapidamente questionou: “*Tia, será que ele não teve infância?*”, e a minha resposta foi que não sabia informar, que deveríamos perguntar pra ele, então, ele com um semblante de tristeza, respondeu “*Se ele não foi criança, perdeu as coisas boas da infância*”.

De acordo com essas reflexões, é relevante ressaltar que a criança, em sua singularidade, vivencia de maneira intensa suas experiências durante a primeira infância, período marcado por suas diversas oportunidades. Nesse contexto, ela aproveita a chance de brincar, criar, recriar, transgredir e reiniciar. Esse momento crucial na vida infantil é caracterizado pela riqueza de possibilidades, permitindo que a criança explore e se envolva de maneira ativa em seu desenvolvimento.

Dos dias 10/10 a 13/10, foi comemorado a semana da criança na escola, onde as crianças vivenciaram momentos de brincadeiras com palhaço, festa do pijama, cinema divertido, mural de pintura, brincadeiras lúdicas, dentre outras atividades, em que as celebramos a infância, a amizade e a criatividade. Nessa semana de diversão, foi preciso dar uma pausa na pesquisa, visto que elas estavam participando da programação da escola.

23 de outubro de 2023, uma segunda-feira dias após a comemoração do dia das crianças, cheguei na sala de aula deles com o B12, dando bom dia de forma alegre e eles rapidamente responderam, avisando que tinham muitas novidades para o B12 sobre a semana da criança. Sentamos e formamos uma roda de conversa, onde eles começaram a falar o que fizeram na escola, como foram as brincadeiras, dentre outras situações. Após esse momento, o B12 pediu para que eles registrassem em forma de desenho e através da fala, o que tem no coração de uma criança. Eles usaram a criatividade e imaginação e fizeram lindos desenhos! (DIÁRIO DE CAMPO, 23 de outubro, de 2023)

Posterior a semana de comemoração do Dia das Crianças, em 23/10, ao retornar à sala de aula, o Robô B12 propôs às crianças que manifestassem, por meio de pinturas e expressões verbais, “o que tem no coração de uma criança”, nesse momento, Docinho já responde: “*Tem amor*” e o Homem Aranha completou: “*Alegria também!*”. Após esse pedido, a Bailarina perguntou: “*Pode ser o que tem no meu coração ou é pra ser de outra criança?*”, logo pedi para que o B12 pensasse

e respondesse, visto que ele, o nosso objeto lúdico é que sempre fazia a intervenção e processo de conversação com as crianças. Minutos depois, o B12 disse: *“Gostei da sua pergunta, prefiro que seja do seu coração. Crianças, quero que todas vocês façam o desenho de acordo com o que tem no coração de vocês”*. Para isso, disponibilizamos folhas em branco, materiais de pintura, além de itens para recortes e colagens. Assim, as crianças realizaram os seguintes registros.

Quadro 07 – O que tem no coração de uma criança



HOMEM ARANHA:

No meu coração tem eu no exército, porque quando eu crescer vou servir o TG e depois vou para no exército.

**BAILARINA:**

O coração das crianças
é beeem colorido.

**CAPITÃO AMÉRICA:**

Tem brinquedos,
boneco, é colorido e tem
alegria.



L.SKY:

No meu coração tem as cores rosa claro e rosa escuro. Eu gosto de rosa.



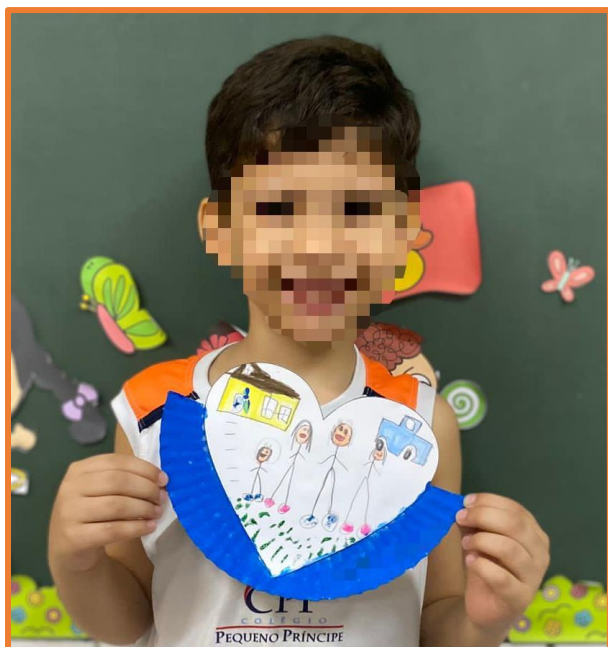
SKY:

No meu coração tem jardim, arco íris, sol, nuvens e brincadeiras.



PEPITA:

Tem cores,
sorriso e alegria.



MARSHALL:

No meu coração tem
eu, meu pai, minha mãe e
minha prima. A gente

**DOCINHO:**

Meu coração é colorido
e tem eu e minha irmã
brincando.

**MICKEY:**

No coração de uma
criança tem vídeo game,
super-heróis, cor, TV e

O reconhecimento da infância são aspectos importantes para o desenvolvimento saudável das crianças. No contexto apresentado, o retorno à sala de aula após a comemoração do Dia das Crianças é marcado por uma iniciativa significativa, na qual o Robô B12 estimula as crianças a expressarem, por meio da pintura, das palavras, bem como, através das vivências delas, situações que fazem parte dos seus corações. Essa abordagem sensível proporciona uma oportunidade valiosa para que as crianças articulem e compartilhem suas perspectivas únicas sobre a infância. Ao oferecer materiais de pintura, recortes e colagens, o ambiente tornou-se propício para a manifestação artística e verbal, revelando as múltiplas dimensões da experiência infantil.

No âmbito dessa interação, a metodologia de envolver as crianças em uma expressão visual e verbal sobre o que habita seus corações, nos permitiu acessar de maneira mais singela, a riqueza e a complexidade de seus mundos internos. Além disso, essa prática não apenas promove o desenvolvimento da linguagem e da criatividade, mas também cria um vínculo afetivo entre as crianças e o ambiente de aprendizagem. A compreensão mais aprofundada dos sentimentos e percepções infantis possibilita uma abordagem mais holística no processo de pesquisa, contribuindo para uma representação mais fiel e respeitosa da infância e seus conteúdos emocionais. Diante de todo esse diálogo entre as crianças e o B12, no dia 13/11, surgiu as seguintes inquietações:

B12: Eu estou gostando muito de ficar com vocês. Todos os dias aprendo muito sobre ser criança, brincar e me divertir.

Capitão América: B12, você pode falar sobre você? Em qual planeta você mora?

B12: Eu moro no planeta Tecnópolis.

Bailarina: O que você come?

Docinho: Eu acho que ele come engrenagens.

Homem Aranha: Eu acho que come metal (depois dessa fala, tiveram muitos risos na sala)

B12: Calma crianças, são muitas perguntas. Me perguntem um de cada vez, que amanhã venho com todas as respostas!

Mickey: Você bebe água ou algum outro tipo de líquido?

Pepita: Como você chegou aqui no Planeta Terra?

L.SKY: Você faz xixi óleo? E arrotas?

Marshall: Qual a sua idade? Como é o nome dos seus pais? E qual a idade do seu pai e da sua mãe?

Docinho: Como você dorme?

Capitão América: No seu planeta tem escola?

Homem Aranha: Você é menino ou menina?

Docinho: *Eu acho que ele é robô, ao invés de ser menino ou menina.*

Homem Aranha: *Mas robôs podem ser meninos ou meninas.*

Na conversação apresentada, observa-se não apenas um processo de express  o, mas também uma série de questionamentos dirigidos ao Robô B12 pelas crianças. Esse questionamento demonstra a importância da interação como uma troca de informações e questionamentos, onde o robô não é apenas um receptor passivo, mas sim um estímulo para a curiosidade infantil. As crianças, ao dirigirem perguntas ao Robô B12, não apenas exploram o objeto como uma entidade, mas também manifestam uma busca ativa por conhecimento e compreensão do mundo ao seu redor. Dessa forma, a interação com o Robô B12 não apenas potencializa a expressão individual, mas também promove uma troca recíproca de ideias, estimulando o pensamento crítico e contribuindo para uma experiência educacional enriquecedora e participativa.

O motivo do B12 não responder no mesmo momento os questionamentos, é porque preciso pensar nas respostas, para instigar o pensamento criativo e crítico das crianças, dessa forma, ao chegar em casa, já realizava estudos para as respostas, bem como, fazia as gravações das vozes para no outro dia apresentar para as crianças. E conforme combinado, no dia seguinte, dia 14/11, ao chegar na sala de aula, todos já receberam o B12 com um olhar de curiosidade, pois estavam com muita expectativa para saber sobre a vida dele, visto que somente as crianças contavam sobre a vida delas, dessa forma, o B12 deu bom dia para as crianças e disse *“Estou aqui para tirar todas as dúvidas de vocês, estão preparados?”* E as crianças responderam, em uma só voz: *“SIIIIIM”*.

Qual comida você come?

B-12: *Ah, eu não como como vocês, crianças! No meu planeta, a "comida" são códigos e circuitos, mas eu estou aqui para aprender sobre as comidinhas gostosas da Terra! Vocês gostam de comer?*

Crianças: *Siiiiim!*

Tia lasmin: *Ah, a minha comida preferida   Sushi.*

Docinho: *Hummm, eu também gosto!*

Sky: *A minha   pizza.*

Bailarina: *Gosto de morango.*

L.SKY: *Duas coisas! Pipoca e morango.*

Capitão América: *Pipoca.*

Marshall: *Também tenho duas. Bolo de chocolate e pizza de calabresa.*

Você bebe água ou algum outro líquido?

B-12: Xiii, eu não bebo água. Eu bebo um líquido especial que ajuda o meu corpo a ficar cheio de energia. É um combustível brilhante, entenderam? Água é bom?

Crianças: *Éééé (todos falaram juntos).*

Homem Aranha: *Água é muito importante.*

Como você chegou aqui no Planeta Terra?

B-12: Não foi de moto, nem ôbinus e nem avião. Eu vim de astronave, ela é super rápida! Eu dei um pulinho de Tecnópolis até aqui na Terra para conhecer vocês. Foi uma viagem muito divertida!

Você faz xixi óleo? E arrotos?

B-12: Não, eu não faço xixi como vocês, mas se eu fizesse, acho que seria um xixi de óleo brilhante! E não arrotos, se eu arrotasse, acho ia sair vários parafusos. Xi, eu não quero viu?

Marshall: *la sair um monte de parafuso (deu gargalhada)*

Docinho: *Quando ele chegou aqui, foi muito difícil explicar as coisas. Mas é legal a visita dele.*

Qual a sua idade? Como é o nome dos seus pais? E qual a idade do seu pai e da sua mãe?

B-12: Sobre a minha idade, eu nunca tinha ouvido falar que existia idade. Eu só soube quando conheci vocês, que vocês fizeram aniversário, bolos, comemorações e me explicaram o que é, mas eu não faço idade. Meu pai se chama A4 e minha mãe B15, eles são bem mais "velhinhos", porque eles foram feitos e programado faz um tempinho, mas eu, faz poucos anos.

Homem Aranha: *Eu já sabia, eles não têm idade porque são programados.*

Como você dorme?

B-12: Eu não durmo, eu apenas recarrego a minha bateria, que está aqui do meu lado para conseguir conversar com vocês, ficar cheio de energia para aprender e brincar com todos vocês. Vocês dormem? Como?

Crianças: *Todos se juntaram ao mesmo tempo e se deitaram no chão para mostrar como eles dormiam.*

No seu planeta tem escola?

B-12: No meu planeta, não tem escola como a de vocês, mas estou super empolgado para aprender com as crianças da Terra. Vocês podem me ensinar muitas coisas legais!

Você é menina ou menino?

B-12: Eu não sei o que é isso, eu sou um robô, sou apenas o B12. Mas vocês podem me ajudar! Eu quero descobrir mais sobre as diferenças de meninas e meninos, me contem, porque eu não sei o que é isso.

Docinho: *É porque meninos gostam de brincar de carrinhos e as meninas gostam de brincar de bonecas.*

Homem Aranha: *A diferença é que meninos e meninas não são iguais, eles são diferentes.*

Capitão América: *Menina usa laço e menino não usa.*

Docinho: *Quando a menina cresce, ela usa maquiagem e menino não.*

Homem Aranha: *A roupa. Menina usa saia e menino não.*

Docinho: *Menina usa vestido, tiara e alto quando cresce.*

Homem Aranha: *Eu uso quando estou vestido de palhaço (Ele começou a gargalhar e todos da sala também).*

A interação entre as crianças e o Robô B12 se revela como uma experiência enriquecedora, onde os pequenos não apenas exploram a singularidade do visitante espacial, mas também compartilham seus próprios gostos e preferências. A

conversa aborda desde as peculiaridades alimentares do robô, que se diferencia do que eles se alimentam e gostam, como até questionamentos sobre sua origem e modo de vida. As respostas do Robô B12 despertam risadas e encanto, evidenciando o papel cativante desse objeto lúdico no momento da pesquisa. Como podemos observar na imagem abaixo, eles se sentem à vontade e com desejo de além de falar demonstrarem através dos gestos, como é a rotina deles para o B12. Ao falar sobre o sono do B12, a SKY disse que *“B12 só dorme se ele tiver sem bateria, se não ele fica o tempo todo ligado”*.

Figura 16 – As crianças mostrando para o B12 como eles dormiam em casa.



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023)

Ao abordar temas como alimentação, transporte espacial, e até mesmo questões de gênero, a interação se torna uma oportunidade única para as crianças expressarem suas ideias e entendimentos sobre o mundo. De acordo com a BNCC, “elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos” (Brasil, 2017, p.40). A descontração gerada pelas respostas do robô cria um ambiente propício para o aprendizado e compartilhamento de conhecimento, mostrando como a presença do B12 transcende o simples papel de ferramenta educacional, tornando-se um facilitador para o diálogo aberto e o desenvolvimento das crianças.

Ainda no mesmo dia, o B12 resolveu revelar um sonho que ele tinha e estava guardado no coração: conhecer o Planeta Terra e as crianças que moravam lá. No

mesmo instante, os colegas da sala o abraçaram, com sorrisos sinceros e apaixonantes.

Figura 17– Momento de carinho entre o B12 e as crianças



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023)

Na semana seguinte, percebendo que as crianças ficaram felizes em descobrir qual era o sonho do B12, ele resolveu questioná-las à respeito do sonho delas. Dessa forma, no dia 16/11, o B12 convidou a todos a compartilharem seus sonhos, criando assim um espaço de diálogo e descobertas. Este momento não apenas fortaleceu a interação entre as crianças e o B12, mas também abriu portas para explorar um universo de sonhos e aspirações.

B12: *Me contem, qual o maior sonho de vocês?*

Homem Aranha: *Ser cientista e soldado do exército.*

Docinho: *Meu sonho é andar de avião e de ônibus, eu nunca andei de ônibus.*

Bailarina: *Meu sonho é conhecer os Estados Unidos.*

SKY: *Eu quero conhecer o Canadá.*

Marshall: *Eu quero ir nos Estados Unidos.*

Mickey: *Meu sonho é conhecer o Japão.*

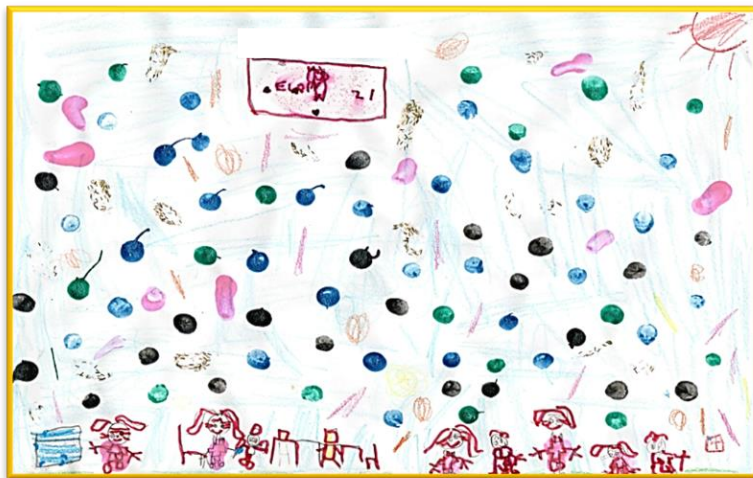
L.SKY: *Meu sonho é ser princesa.*

Em todos os momentos em sala de aula, as crianças sempre estavam dispostas a mostrar para o B12 o significado de cada coisa que elas faziam ou traziam de casa, o ensinavam a brincar, correr, pular, levavam ele para o parque, sempre com muito carinho e acolhimento.

Certo dia, mais precisamente no dia 17/11, elas perceberam que o B12 não tinha dedos como eles e assim começaram os questionamentos para saberem se o B12 sabia desenhar. De forma criativa, o Mickey disse *“ele só consegue fazer números”*, já o Homem Aranha disse *“a maioria dos robôs desenhavam no metal, mas como aqui não tem, acho que se a gente ensinar, ele desenha no papel”*. A partir dessa proposta, veio a ideia de pedir que eles os desenhassem com o B12 e ao mesmo tempo, o ensinassem a desenhar, sobre técnicas, materiais, pois assim, quem sabe, ele traria algum desenho dele.

Gobbi (2014, p. 162) afirma que *“Os desenhos abrem conversas como chaves a abrir portas para vastos universos a serem descobertos”*. Dessa forma, as capacidades infantis abrem inúmeras oportunidades de reflexão diante de uma variedade de temas presentes em seus desenhos. Apresentaremos, em seguida, as reflexões das crianças, através dos registros, o carinho em cada detalhe do momento do encontro delas com o B12, como também, alguns desejos, como disse Home Aranha, *“queria que o B12 fosse pra minha casa, eu ia brincar muuuito com ele”*, então, elas usaram a imaginação e criatividade em cada desenho.

Desenho 1 - “Sou eu e o B12 na sala, com muitas cores, os meus colegas e brinquedos.”



Fonte: SKY (2023)]

Desenho 2 - “Eu e o B12 estamos brincando em um lugar aberto, com sol e nuvens.”



Fonte: Homem Aranha (2023)

Desenho 3 - “Nós estamos brincando na sala”



Fonte: Pepita (2023)

Desenho 4 - “Esse foi o dia que conheci o B12. Estamos na sala do CPP e tô brincando com ele”



Fonte: Bailarina (2023)

Desenho 5 - “a gente ta brincando de colorir”



Fonte: Bailarina (2023)

Desenho 6 - “a gente se encontrou no parque e foi muito legal. Não desenhei ele muito bem, mas ficou bonito. Gostei mais de mim e dos corações”



Fonte: Docinho (2023)

Desenho 7 - “Desenhei eu e B12 brincando de correr no parque”



Fonte: Marshall (2023)

Desenho 8 - “Eu brincando com o B12 no sofá da nossa sala, aqui no CPP”



Fonte: Mickey (2023)

“A imagem é uma fonte inesgotável de insights” (FRIEDMANN, 2013, p. 127), que nos permite rememorar situações diversas. No nosso caso, nos possibilitou permear o sentimento das crianças com o nosso objeto lúdico, as práticas diárias em cada contexto, os momentos de interações possibilitados pelo meio em que estão inseridos.

Como as crianças constroem os sentidos das infâncias? Vamos iniciar esse parágrafo com esse questionamento, antes mesmo de trazer as reflexões das crianças a respeito do que elas pensam sobre as infâncias, sobre ser criança. Para SMOLKA,

As crianças nascem em um mundo repleto, prenhe de significações. E começam a viver e a fazer sentido das práticas de cada dia... Vivem os cuidados, os carinhos, os afetos, a distâncias, as ausências, as contingências, as contradições que vão se impondo. Vão sentindo e sofrendo, de diversas formas, as múltiplas relações com os outros e com o mundo. E vão sendo afetadas por essas relações. (Smolka, 2004, p. 42)

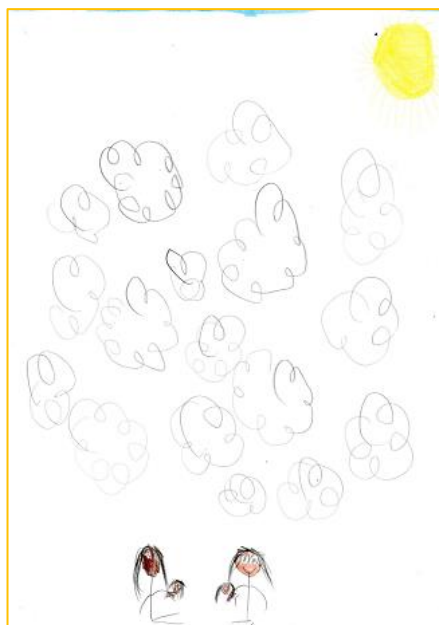
Nesse cenário repleto de significados, as crianças se encontram imersas, experimentando-o em diferentes graus, de acordo com os ritmos dos estímulos que provêm tanto de seu interior quanto do ambiente ao seu redor. Esses estímulos podem desencadear respostas variadas, moldando diferentes maneiras de reagir diante do impacto dessas mensagens e linguagens.

Partindo desse pressuposto, as vivências, histórias e culturas das crianças, fazem parte do pensar e agir de cada uma delas, dessa forma, ao conversarmos com as crianças sobre o sentido das infâncias, muitas foram as respostas, perguntas e afirmações, cada uma com a sua forma de pensar e agir.

No dia 21/11, quando o B12 disse para elas que não sabia o que era ser criança, o olhar de cada nos respondeu de forma diferente. Uns fizeram um olhar de espanto, outros de admiração e outros de tristeza.

Para compreender de forma mais significativa e singular os sentidos que essas crianças dão à infância, o B12 iniciou um momento de conversa com elas pedindo que através do desenho e da expressão verbal, elas pudessem retratar o que é ser criança.

Desenho 9 - “Brincar de boneca com a minha prima lá fora, no parque”



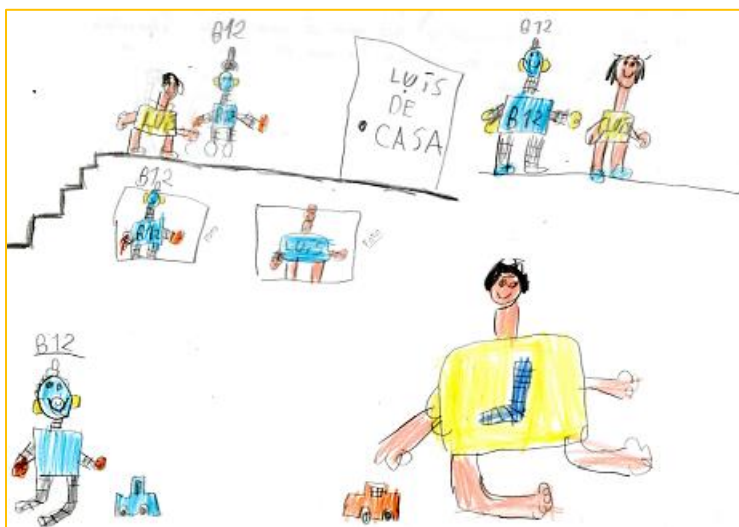
Fonte: L.SKY (2023)

Desenho 10 - "Brincar em um parque, na roda gigante, montanha russa e trem fantasmas



Fonte: Bailarina (2023)

Desenho 11 - "Levar o B12 para a minha casa e brincar de carrinho. Na sala da minha casa tem uma foto minha com o B12."



Fonte: Marshall (2023)

Desenho 12 - “Brincar no parquinho com a minha irmã. A gente vai no escorrega que cai na piscina de bolinhas e com dois balanços”



Fonte: Docinho (2023)

Desenho 13 - “Brincar de carrinho na minha casa”



Fonte: Capitão América (2023)

Desenho 14 - "É brincar no parque com os amigos"



Fonte: SKY (2023)

Desenho 15 - "É estudar no CPP"



Fonte: Mickey (2023)

Desenho 16 - “É brincar com bonecos e os carrinhos”



Fonte: Homem Aranha (2023)

Desenho 17 - “É vir para o CPP estudar e brincar com a boneca Carolina, que é a Baby Alive que minha vó me deu.”



Fonte: Pepita (2023)

Para Cohn (2005, p. 35) as crianças “elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura”. Segundo esta autora, a criança atua em suas relações sociais e através delas assimilam e transmitem aquilo que aprenderam, não são sujeitos passivos mas, ativos na consolidação de seus papéis assumidos nas suas relações (Cohn, 2005).

Posterior a esse momento de trocas relacionadas ao ser criança através do desenho, o nosso objeto lúdico, o robô B12 iniciou um momento de conversa com as crianças referente ao que elas pensam sobre ser criança e que fosse dito de forma verbal. A conversa aconteceu da seguinte forma:

Docinho: B12, ser criança é ser criança, ser adolescente é ser adolescente e ser adulto é ser adulto (risada de todas as crianças).

Capitão América: Criança tem responsabilidades. Eu cuido das plantas da minha casa.

Homem Aranha: criança também brinca.

Docinho: Criança usa sapato.

Professora da sala: Mas todo mundo usa sapato. Crianças, adultos, bebês...

Marshall: Mas uns são maiores e outros menores.

Docinho: Ah, criança ama doce.

Bailarina: Ser criança é ter família.

L.SKY: Criança faz bagunça em casa (Gargalhadas ao fundo)

Homem Aranha: Eu quero ser adulto, pra deixar de ficar de castigo.

Docinho: Eu quero ser sempre criança, porque adulto trabalha e criança só brinca.

Capitão América: Crianças não sabem algumas coisas, tipo... (nesse momento ele pensou bastante). Ah, esqueci!

Homem Aranha: As vezes a gente não sabe o que é certo ou errado.

B12: Hum, eu gostei muito de aprender sobre infância. Vocês sabem aproveitar cada momento.

Através dessa fascinante conversação com as crianças, torna-se evidente que elas desempenham papéis ativos na construção de suas próprias identidades e na formação de uma cultura singular. Cada narrativa, cada desenho, cada observação revela a percepção das crianças em compreender o mundo ao seu redor e expressar suas experiências. Concordamos com Fernandes (2016) que,

Falar de ética na pesquisa com crianças não implica somente ter cuidados na forma como se planifica essa pesquisa, na forma como testamos e analisamos a vida dessas crianças, mas implica, sobretudo, atender aos modos como desencadeamos processos dialógicos e ponderados, de forma que se possa respeitá-las (Fernandes, 2016, p. 775).

A criança, nesse contexto, emerge como protagonista e produtora de sua própria cultura, moldada por suas vivências e pelo contexto histórico e cultural que a envolve. Suas percepções sobre responsabilidades, brincadeiras, aprendizado e até mesmo sobre o desejo de crescer oferecem uma visão rica e autêntica dos sentidos das infâncias.

Ao longo desse diálogo interativo, as vozes das crianças refletem, destacando a diversidade de perspectivas e entendimentos que permeiam a

infância. Suas reflexões sobre ser criança, as responsabilidades que carregam, as dúvidas e até mesmo os desejos de amadurecer revelam uma riqueza de experiências.

Portanto, a concepção de criança e infância na qual acreditamos é a de que ela é um ser histórico, social e político, que encontra nos outros, parâmetros e informações que lhe permitem formular, questionar, construir e reconstruir espaços que a cercam. Apostamos numa concepção que não se fixa num único modelo, que está aberta à diversidade e à multiplicidade que são próprias do ser humano (Kramer, 1999, p. 277).

As infâncias, assim, são reconhecidas como um período vital e dinâmico, onde a criança não apenas se adapta ao mundo ao seu redor, mas também contribui ativamente para a construção de sua própria compreensão e significado. Essa interação ilustra a beleza das infâncias, destacando a importância de honrar e celebrar a singularidade de cada criança em seu trajeto de descobertas e crescimento. E para finalizar, deixo aqui a fala repleta de vivência do nosso Homem Aranha sobre ser criança: *a melhor parte da vida é a infância, porque a criança se diverte, brinca, toma sorvete e faz muitas coisas legais.*

Os resultados da pesquisa evidenciaram a singularidade da infância, conforme expressa pelas próprias crianças. Em suas narrativas, elas enfatizaram que a infância é a fase mais prazerosa da vida, caracterizada por brincadeiras e diversão. Além disso, ressaltaram a resistência em crescer, associando a idade adulta ao trabalho, uma perspectiva que ecoa entre muitas crianças. Esses diálogos e interações proporcionaram compreensões valiosas sobre os significados atribuídos à infância. Eles destacaram a importância de conceder voz às crianças, reconhecendo-as como titulares de direitos capazes de expressar uma gama completa de emoções, desejos, dúvidas e sugestões, consolidando a compreensão da infância como uma fase rica em experiências e perspectivas individuais.

A incorporação dos campos de experiências da BNCC em cada capítulo revelou-se de extrema relevância para a dinâmica integral da pesquisa. Na minha atuação como pesquisadora, coordenadora da educação infantil e professora, pude observar que, ao explorarmos de maneira lúdica e cativante as nuances de cada campo, conseguimos atribuir sentido e significado a cada momento da pesquisa, que se desenrola a partir das narrativas das próprias crianças. No contexto do

trabalho, a exploração lúdica e explicativa de campos como "O eu, o outro e o nós" permitiu aprofundar a compreensão das relações interpessoais e identidade das crianças. Em paralelo, ao adentrar o campo de experiência "Traços, sons, cores e formas", proporcionamos um ambiente enriquecido para a expressão artística e a percepção sensorial das crianças, através do nosso objeto lúdico, o robô B12. Além disso, a abordagem do campo "Escuta, fala, pensamento e imaginação" revelou-se essencial para captar as narrativas infantis, destacando a importância da comunicação e imaginação na pesquisa. Esses campos, abordados de forma lúdica, adicionaram camadas significativas à compreensão dos sentidos das crianças, enriquecendo a qualidade e profundidade das narrativas coletadas durante a pesquisa.

No que diz respeito a metodologia da pesquisa, podemos dizer que se foi utilizada também a abordagem mosaico, pois concordamos com Clark (2001), quando ele descreve que o Mosaico "é composto pela discussão entre crianças, profissionais e pesquisadores, entre crianças e pesquisadores, entre pais e pesquisadores, e entre grupos de profissionais e pesquisadores". Dessa forma, essa abordagem nos ajuda a realizar a pesquisa em que as crianças desempenhem um papel central na pesquisa, podendo dar sentido as suas experiências e culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa, que foi ancorada em uma abordagem qualitativa exploratória, reforçam a relevância da metodologia adotada na compreensão aprofundada dos sentidos atribuídos à infância pelas próprias crianças. A escolha da pesquisa qualitativa se mostrou crucial para explorar as diversas formas que as investigações em educação podem assumir, permitindo uma adaptação flexível às necessidades tanto do pesquisador quanto do objeto de estudo, que, neste caso, é a criança.

A utilização da amostragem simples, aliada ao estudo de caso e ao diário de campo, revelou-se estratégica para capturar as vozes infantis, proporcionando uma visão mais rica e contextualizada das percepções, desafios, desejos e vivências individuais das crianças. Essas metodologias permitiram uma observação detalhada, ouvindo as crianças, percebendo-as através de gestos e movimentos, e imergindo-se em seus universos sociais, culturais e históricos.

A ênfase nas histórias e vivências pessoais das crianças, destacada pela abordagem metodológica, foi crucial para o entendimento da infância como uma fase única. A utilização do estudo de caso proporcionou uma compreensão abrangente da realidade social de cada criança investigada, enquanto o diário de campo registrou detalhes significativos ao longo da pesquisa, acrescentando riqueza às narrativas coletadas e aprofundando a jornada de aprendizado da pesquisadora.

A interação entre as crianças e o B-12 proporcionou um momento cativante e educativo, revelando a curiosidade natural das crianças e a adaptabilidade do robô às suas perguntas. O diálogo não apenas ilustra a capacidade das crianças em explicar conceitos complexos de forma simples, mas também destaca a importância da comunicação interativa na aprendizagem.

Além disso, a abordagem do B-12 em relação à idade e ao sonho oferece uma oportunidade única para discutir conceitos complexos de uma maneira acessível, promovendo a compreensão mútua entre as crianças e o robô. Essa interação lúdica demonstra como a tecnologia é uma aliada no processo de ensino,

e como as crianças são adaptáveis nesse sentido, pois facilmente incluíram o robô na sua rotina, como demonstra os desenhos.

A seção "Os cenários e traços da pesquisa" ressaltou a importância da escolha consciente do ambiente de pesquisa, uma escola particular de Mossoró, RN. Este cenário não apenas serviu como pano de fundo para a investigação, mas também acrescentou camadas adicionais de compreensão, considerando os parâmetros de infraestrutura que desempenham um papel crucial no processo de socialização e desenvolvimento das crianças.

A pesquisa não apenas explorou os aspectos individuais das crianças, mas também reconheceu a importância dos contextos físicos e pedagógicos que influenciam suas experiências.

Essa pesquisa é centrada nas narrativas infantis, portanto, buscou entender as percepções, desafios, desejos e vivências individuais das crianças, no que diz respeito aos sentidos das infâncias. O estudo teve o foco no processo de protagonismo infantil, que implica em proporcionar momentos para que as crianças expressem suas opiniões e façam escolhas de acordo com as suas concepções. Os objetivos específicos visaram identificar os preceitos teórico-metodológicos congruentes com o diálogo sociológico acerca dos conceitos de infâncias e crianças, compreender as vozes infantis sob prismas teóricos e metodológicos, além de refletir sobre as narrativas, visando compreender de que modo a criança atribui sentido às infâncias.

Em síntese, esta pesquisa ressalta a relevância de uma abordagem qualitativa e de metodologias como o estudo de caso e o diário de campo para a compreensão das vozes das crianças. A escolha cuidadosa do cenário de pesquisa adicionou uma dimensão adicional à análise, fortalecendo a conexão entre os resultados obtidos e as experiências concretas das crianças na Educação Infantil. Este estudo contribui não apenas para a ampliação do entendimento acerca das infâncias, mas também para a valorização das perspectivas e experiências únicas de cada criança.

Portanto, este estudo contribui para a ampliação do entendimento acerca das infâncias, enfatizando a importância da escuta ativa das crianças em distintos contextos.

REFERÊNCIAS

- _____. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEF, 2002.
- _____. (2001). "How to Listen to Very Young Children: The Mosaic Approach". In: Child Care in Practice, 7 (4), p. 333-341.
- _____. (2001). Listening to Young Children: The Mosaic Approach. Londres: National Children's Bureau for the Joseph Rowntree Foundation.
- ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, A. L. Goulart de. FINCO, Daniela. **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- ANTUNES, C., 1937 - **Educação infantil: prioridade imprescindível**/ Celso Antunes. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- Ariès, Philippe. **História social da criança e da família**/2ª Ed. Philippe Ariès; tradução Dora Flaksman. — 2. ed. - Rio de Janeiro: Guanabara. 1986.
- ARROYO, M. **Ofício de Mestre**. Imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes; 2008.
- Bacelar, Vera Lúcia da Encarnação. Ludicidade e educação infantil / Vera Lúcia da Encarnação Bacelar. - Salvador : EDUFBA, 2009.
- BRANDÃO, S. M. B. d. A. (2015). **Gestos e fala nas narrativas infantis**.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BUENO, B. O. et al. **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente, Brasil (1985 – 2003)**. Educação e Pesquisa, São Paulo; v. 32, n. 2, p. 385 – 410, 2006.
- BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto editora, 1994.
- CLARK, A. & MOSS, P. (2005). Spaces to Play: More Listening to Young Children Using the Mosaic Approach. Londres: National Children's Bureau.

COELHO, E. C. C. de S. **Narrativas infantis e processo formativo: estudo sobre as significações de crianças sobre suas experiências na educação infantil**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2016.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro; Zahar, 2005.

CRUZ, S. H. V. Da omissão assumida à prioridade negada: notas sobre a ação do Estado brasileiro na Educação Infantil. **O público e o privado** - Nº 5 - Janeiro/Junho – 2005.

DAL SOTO, D. V. O protagonismo das crianças nas práticas escolares da educação infantil. **XI Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Curitiba, 2013.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo - projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

Infância, Pesquisa e Relatos Orais. In.: FARIA, Ana L. G. de; DEMARTINI, Zeila de B. F.; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma Cultura da Infância**: metodologias de pesquisa com crianças. 3. ed. – Campinas, SP; Autores Associados, 2009.

FERNANDES, N.. (2016). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira De Educação*, 21(66), 759–779. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216639>

FILHO, A. J. M. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. In: FILHO, Altino J. M.; PRADO, Patrícia D. (Orgs). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FRIEDMANN, A. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2020.

FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013

GIRARDELLO, Gilka. **Voz, presença e imaginação**: a narração de histórias e as crianças pequenas. Relato de trabalho de dissertação ao GT: 7/ ANPED, 2003.

GOBBI, Márcia Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. **Linhas críticas**, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 147 – 165, jan./abril. 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1999.

KOHAN, Walter Omar. Vida e Morte da Infância, entre o Humano e o Inumano. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 35, p. 125-138, mar. 2010.

KRAMER, Sônia. O papel social da pré-escola. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, (Cadernos de Pesquisa, 58); 1986.

LARROSA, J. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5. ed. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MAKARENKO, Antonio S. Conferências sobre educação infantil. Trad. VIZOTTO, Maria Aparecida A. Vizzotto. São Paulo: Moraes, 1981.

NAZARIO, R. Infância das crianças **pequenas no contexto de acolhimento institucional: narrativas de meninas e meninos na casa(lar)**, 2014.

Nind, Melanie. **Métodos de pesquisa para a pedagogia** / Melanie Nind, Alicia Curtin, Kathy Hall; tradução de Caesar Souza. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2019.

NUNES, M. F. R.; CORSINO, P.; DIDONET, V. **Educação infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica**. UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa; Brasília: 2011.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coords.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997. Disponível em: <<https://pactuando.files.wordpress.com/2013/08/sarmento-manuel-10.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2019.

ROMANOWSKI, J. P & ENS, R. T. (2006). **As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte**. Revista Diálogo Educacional, 6(19).

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. **Cadernos do Noroeste**, Porto, vol. 13. 2000. p. 145-164. DOI: Link: <http://dx.doi.org/10.1016/j.envres.2010.05.007>

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

Visibilidade social e estudos da infância. In: VASCONCELLOS, Vera M. R.; SARMENTO, Manuel J. **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007

SCLIAR, M. Um país chamado infância. São Paulo: Ática, 1995.

SMOLKA, A. L. B. Sobre significação e sentido: um ensaio: uma contribuição à proposta de rede de significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p. 42-69.

MARCHI, Rita de Cássia. A Teoria Social Contemporânea e a Emergência da “Sociologia da Infância” na 2ª Modernidade: alguns aspectos teórico-políticos. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 7, n. 11, 2005.

MALAGUZZI, L. **História, ideias e filosofia básica**. 3. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre/ RS: Penso, 2016.

MALAGUZZI, Loris. **As Cem Linguagens da Criança**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB. 2006a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa?. In: Cadernos da Fucamp, UNIFUCAMP, v.19, n.41, p.1-13, Monte Carmelo, MG, 2020.

Piaget, **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

TUAN, Yi Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de oliveira. DIFEL: São Paulo, Rio de Janeiro, 1980.

VORCARO, Angela; LUCERO, Ariana. O objeto transicional de Winnicott na formação do conceito de objeto a em Lacan. Nat. hum., São Paulo, v. 17, n. 1, p. 15-32, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jan. 2024.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e método. 2º Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE

ANEXO



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Faculdade De Educação – Fe
Departamento De Educação – De
Programa De Pós-Graduação Em Educação – Poseduc
Mestrado Em Educação

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Esclarecimentos

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **O sentido das infâncias através das narrativas de criança da última etapa da Educação Infantil**. Seus responsáveis legais permitiram que você participasse. O objetivo desta pesquisa é compreender os sentidos das infâncias, através das narrativas das crianças da última etapa da Educação Infantil.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser. É um direito seu. Não terá nenhum problema se decidir a qualquer momento desistir de participar.

A pesquisa será feita no Colé Pequeno Príncipe, onde você terá contato com a literatura e narrar seus pensamentos e emoções sobre ela e também contribuir para a escrita de uma história coletiva.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa. Não falaremos a outras pessoas nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados num trabalho científico, mas sem identificar o seu nome.

Assentimento Livre

Eu _____
 , aceito participar da pesquisa **O sentido das infâncias através das narrativas de criança da última etapa da Educação Infantil**. Entendi que posso dizer “sim” e participar. Mas que também, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso ou me prejudicar. O(s) pesquisador (es) tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li ou meus responsáveis leram para mim, e concordei em participar da pesquisa.

Mossoró, ____ de _____ de 2023.

 Assinatura do participante

Responsável que assinou TCLE e testemunhou assentimento

Assinatura
 Datiloscópica
 (se _____ não
 alfabetizado)

Assinatura:

Pesquisador

-

assinatura:

Gabriella Castro Pereira (Aluna-pesquisadora) - Aluna do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Mossoró, no endereço Av. Prof. Antônio Campos - Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, 59610-210. Tel.(88) 9 9982-4706

Profª Drª Giovana Carla Cardoso Amorim (Orientadora da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) – Professora da Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Mossoró, no endereço Av. Prof. Antônio Campos - Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, 59610-210. Tel.(84) 3315 -2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto. Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Faculdade De Educação – Fe
Departamento De Educação – De
Programa De Pós-Graduação Em Educação – Poseduc
Mestrado Em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para _____, sob a responsabilidade de _____, participar da pesquisa **O sentido das infâncias através das narrativas de criança da última etapa da Educação Infantil** coordenada pela **Professora Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim** e sob aplicação e estudo de Gabriella Castro Pereira, aluna de pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “compreender os sentidos das infâncias, através das narrativas das crianças da última etapa da Educação Infantil.”. E como objetivos específicos: Identificar os postulados teóricos/metodológicos que corroboram com o diálogo sociológico do conceito de infância e criança; compreender sob os aspectos teóricos e metodológicos as vozes das crianças, através da escuta, bem como, o cenário da pesquisa; refletir sobre as narrativas das crianças, buscando compreender e caracterizar como a criança dá sentido a sua infância.

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de ressoar as vozes das crianças, bem como, através das narrativas infantis, delinear o que pensam as crianças sobre a infância e qual o sentido dela.

Sabendo da exposição de tal pesquisa garantimos o anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome dele. Bem como, para o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Gabriella Castro Pereira fará a utilização dos instrumentos da pesquisa e com a pesquisadora responsável terão acesso a todos os dados obtidos e sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado que identifique o participante. Por fim, garantia que o participante se sinta à vontade para participar dos momentos da pesquisa.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em um HD externo e em nuvem no drive, guardado por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade da orientadora responsável e a aluna- pesquisadora, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a

segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o seu responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a pesquisadora Prof^a. Dr^a. Giovana Carla Cardoso Amorim, do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Campus Mossoró, no endereço Av. Prof. Antônio Campos - Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, 59610-210. Tel.(84) 3315 -2145

Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN)** – Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar danos – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora.

A participação da criança neste estudo é voluntária, portanto, é possível desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar da pesquisa **O sentido das infâncias através das narrativas de criança da última etapa da Educação Infantil**. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais meu/minha filho(a) será submetido(a) e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Mossoró, ____/____/2023.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Responsável pelo participante

Gabriella Castro Pereira (Aluno-pesquisador) - Aluna do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Mossoró, no endereço Av. Prof. Antônio Campos - Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, 59610-210.Tel.(84) 9 9215-9656

Profª Drª Giovana Carla Cardoso Amorim (Orientadora da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) – Professora da Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Mossoró, no endereço Av. Prof. Antônio Campos - Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, 59610-210. Tel.(84) 3315 -2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto. Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.